

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - CCHE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JÉSSICA CAMARGO GERALDO

**PALAVRAS QUE UNEM: SOCIABILIDADES E
SENSIBILIDADES NAS ESCRITAS ORDINÁRIAS DO ACERVO JOSÉ
BOITEUX (FLORIANÓPOLIS / 1898-1934)**

FLORIANÓPOLIS, SC

2009

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - CCHE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

JÉSSICA CAMARGO GERALDO

**PALAVRAS QUE UNEM: SOCIABILIDADES E
SENSIBILIDADES NAS ESCRITAS ORDINÁRIAS DO ACERVO JOSÉ
BOITEUX (FLORIANÓPOLIS / 1898-1934)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
no Centro de Ciências Humanas e da
Educação, da Universidade do Estado de Santa
Catarina, para obtenção do grau de Bacharel e
Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa Santos
Cunha

FLORIANÓPOLIS - SC

2009

JÉSSICA CAMARGO GERALDO

PALAVRAS QUE UNEM:

**SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES NAS ESCRITAS
ORDINÁRIAS DO ACERVO JOSÉ BOITEUX (FLORIANÓPOLIS /
1898-1934)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em História.

Banca Examinadora

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro:

Profa. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Membro:

Profa. Dra. Mara Rúbia Sant’Anna
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Florianópolis, 29 de Junho de 2009.

À minha querida Vó Regina, por ter me ensinado o valor da educação e por ter sido um exemplo de amor incondicional. Obrigada por tudo. Com todo o amor de sua neta e afilhada.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada a minha família, Eliani, Beto, Lucas, Marcus e Elson, por propiciarem, cada um a sua maneira, que eu pudesse me dedicar aos estudos e concluir mais essa etapa. Especial agradecimento à mamãe coruja Eliani, exemplo de coragem e dedicação, na qual eu venho descobrindo também uma amiga.

Ao meu amigo e companheiro Chico, presente nas horas boas e ruins, obrigada pela força diária para realizar este trabalho: *mi na ku penda*.

Obrigada a todos os professores que acompanharam minha trajetória escolar. Desde o pré-escolar até a faculdade, cada um desses mestres deixou sua marca na minha vida.

Agradeço ao Prof. Paulino de Jesus Francisco Cardoso, por ter me aberto o mundo da pesquisa acadêmica. Às primeiras colegas de pesquisa, Michelle Stakonski, Maristela Simão, Karolina Kika Uemura e Gabriela Ribeiro com as quais passei bons momentos de aprendizagem e também, descontração.

À professora Maria Teresa Santos Cunha, sem a qual este trabalho não seria possível, muito obrigada pela confiança e pelos ensinamentos tão importantes. Foi um prazer trabalhar a seu lado. Às professoras Maria de Fátima Fontes Piazza e Mara Rúbia Sant'Anna, por terem prontamente aceitado o convite para participar desta banca, muito obrigada!

Agradeço ainda ao Prof. Carlos Humberto Corrêa, presidente do Instituto Histórico e geográfico de Santa Catarina, por possibilitar minha pesquisa no Acervo José Boiteux. À bibliotecária da instituição, Patrícia Régis, sempre prestativa e atenciosa, meus sinceros agradecimentos.

Aos servidores e técnicos da FAED-UDESC e DAPE, muito obrigada!

Aos colegas e amigos da turma 2005.2, pessoas que me fizeram crescer nestes anos de sala de aula, trabalhos, estágios, bares e festas. Aline, Dedé, Vê, Gi, Carol, Gabi, Pedro, Anderson, Diego, Leo, enfim, obrigada a todos!

RESUMO

Uma complexa trama social, onde as esferas do público e do privado estão imbricadas, deixa vestígios na coleção de postais, retratos e cartões de visita do Acervo José Boiteux. A partir da análise destes materiais, entendidos aqui como *escritas ordinárias*, vai se deslindando a teia social que tem por eixo central José Arthur Boiteux (1865 – 1934). *Homem de letras* catarinense, Boiteux idealizou e empreendeu diversas instituições, como o Instituto Politécnico e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o qual abriga atualmente o acervo que leva seu nome e que contém tanto a documentação produzida e arquivada por ele, quanto por seus irmãos Henrique e Lucas Boiteux. Além das sociabilidades tecidas com auxílio da correspondência analisada, são também objeto deste trabalho as sensibilidades envolvidas na escrita feminina e familiar. Os pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural e os conceitos de prática cultural e de representação, cunhados por Roger Chartier, são de extrema importância para a abordagem proposta e permitem esta investigação. Amante das *artes do guardar*, Boiteux tem ligações profundas com a memória, tanto em sua vida pública, quanto na particular. Sua faceta guardadora também é objeto de estudo deste trabalho, tendo como pressupostos a noção de *lugar de memória* de Pierre Nora e *vontade de memória* de Antonio Castillo. Longe de ser algo conclusivo, este trabalho pretende contribuir para os estudos da história da cultura escrita e sinalizar para novas problemáticas passíveis de pesquisas futuras.

Palavras-chave: Acervo Privado. José Arthur Boiteux. Sociabilidades. Escritas ordinárias.

ABSTRACT

A complex social web, where the public and private spheres are mixed, lets its clues within José Boiteux's personal collection of postcards, portraits and visit cards. The analysis of this corpus made of *ordinary writings* unfolds the social network which is focused on José Arthur Boiteux (1865 – 1934). Boiteux, a brazilian *man of letters*, conceived and undertook several institutions like the Politechnical Institute and the Historical and Geographical Institute of Santa Catarina which nowadays holds the archives named after him and that contains not only documents written and archived by him but also by his brothers Henrique and Lucas Boiteux. The sensibilities involved into the feminine and familiar writings and the sociabilities build through the investigated letters are also the aim of this research. The theoretical and methodological assumptions of Cultural History and the *cultural practice and representation's* concepts, coined by Roger Chartier, are extremely important to the perspective proposed and allow this investigation. Lover of the *art of keeping*, Boiteux has deep connections to Memory, not only throughout his public life, but also in his private life. His ability to preserve things is also analyzed in this study considering Pierre Nora's notion of *place of memory* and Antonio Castillo's understanding of *memory's wish*. This research intends to contribute to Cultural History studies and to suggest new problematics to further investigation rather than giving definite conclusions on this subject.

Key-words: Private collection. José Arthur Boiteux. Sociabilities. Ordinary Writings.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional de Brusque.....	20
Figura 2: Mapa da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional de Ibirama.....	22
Figura 3: Anúncio da Livraria Cysne.....	29
Figura 4: Estrada de ferro São Paulo – Rio Grande / Guaraúna.....	30
Figura 5: Casa onde estão os banheiros - detalhe da fotografia.....	31
Figura 6: Goiás - detalhe da fotografia.....	31
Figura 7: Jovens sentados.....	31
Figura 8: Dedicatória de Iris a Hyeda Caldeira.....	31
Figura 9: Evento no Adro da Catedral Metropolitana de Florianópolis - fotografia e detalhe do verso.....	32
Figura 10: A riqueza d'um colono - fotografia e detalhe do verso.....	33
Figura 11: Verso postal I.....	34
Figura 12: Verso postal II.....	35
Figura 13: Frente postal vertical I.....	35
Figura 14: Frente postal vertical II.....	35
Figura 15: Frente postal horizontal I.....	35
Figura 16: Frente postal horizontal II.....	35
Figura 17: Postal de Luiz Crespo a José Boiteux.....	36
Figura 18: Postal de Alves Nogueira a José Boiteux.....	38
Figura 19: Cartão de visita de João Pereira Machado.....	39
Figura 20: Cartão de visita de Amphilóquio Reis.....	39

Figura 21: Cartão de visita de Octavio Jardim.....	40
Figura 22: Cartão de visita de Renato de Guillobel.....	41
Figura 23: Cartão de visita de Alfredo von Tromposky.....	41
Figura 24: Cartão de visita de Ary Cabral.....	41
Figura 25: Cartão de visita de Juvenal Greenhalg.....	42
Figura 26: Pedro de Almeida Gonçalves.....	47
Figura 27: José Arthur Boiteux e Dona Emerencia.....	51
Figura 28: Dedicatória de José Arthur Boiteux e Dona Emerencia à avó.....	51
Figura 29: Postal de Lucas Boiteux a José Boiteux.....	52
Figura 30: Dedicatória de Sola Gollardi a Diamantina.....	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Intervenção nos elementos gráficos dos cartões de visita.....	39
Gráfico 2: Forma de intervenção nos elementos gráficos dos cartões de visita.....	40
Gráfico 3: Destinatários da correspondência feminina.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. JOSÉ BOITEUX E MEMÓRIA.....	16
1.1 MEMÓRIA, LUGAR DE MEMÓRIA E VONTADE DE MEMÓRIA EM JOSÉ BOITEUX.....	16
1.2 MEMÓRIAS DE CIMENTO E PAPEL: JOSÉ BOITEUX E OS LUGARES DE MEMÓRIA	19
1.3 VIDA EM ARQUIVO: A BUSCA PARA SE GUARDAR DO ESQUECIMENTO....	22
1.4 VIDA DE HOMEM, ACERVO DE HOMEM: GÊNERO E A CONSTITUIÇÃO DO ACERVO PESSOAL DE JOSÉ BOITEUX.....	24
2. SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES NAS ESCRITAS ORDINÁRIAS DO ACERVO JAB	26
2.1 – POR UMA NOÇÃO AMPLA DE CORRESPONDÊNCIA	26
2.2 – POSTAL, CARTÃO DE VISITA E FOTOGRAFIA: ESPAÇOS DA CULTURA ESCRITA.....	27
2.3. O ATO DE ESCREVER NOS POSTAIS, CARTÕES DE VISITA E RETRATOS ..	30
2.4 – PALAVRAS QUE VEM E VÃO: SOCIABILIDADES TECIDAS EM PAPEL.....	43
2.5 – SENSIBILIDADES E AFETOS NA ESCRITA FAMILIAR E FEMININA DO ACERVO JOSÉ BOITEUX	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

Neste trabalho se pretende investigar a relação entre a dinâmica da troca de retratos, postais e cartões de visita e a formação/manutenção das redes de sociabilidades de Florianópolis nas três primeiras décadas do século XX. O corpus de pesquisa constitui-se de 132 fotografias, 136 postais e 17 cartões de visita, entendidos aqui como escritas ordinárias¹. A maior parte dessas escritas foi destinada a José Arthur Boiteux (1865-1934). É ele quem dá nome ao Acervo, que compreende tanto a documentação por ele produzida e arquivada, quanto por seus irmãos Henrique e Lucas Boiteux². O material se encontra no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis - SC.

Se hoje é possível construir uma narrativa a partir de indícios, resquícios de um passado longínquo ou recente, é certamente porque alguém, em algum momento, preocupou-se com a sobrevivência e a salvaguarda desse material. Tirou-lhe do esquecimento, do lixo ou das incertezas da memória. Nesse caso, como em tantos outros, esse impulso de memória foi da família que organizou o conjunto do material depois da morte dos irmãos Boiteux, cujo acervo foi doado no ano de 1989 para o IHG-SC.

A vida dessa instituição está entrelaçada a de José Boiteux, um de seus fundadores no fim do século XIX. Neste período, o país ainda sentia as recentes mudanças – abolição da escravidão e proclamação da República, e buscava se reacomodar no novo cenário³. Para isso, se lançou mão de uma série de dispositivos *republicanizadores* – como a extinção de alguns símbolos e a adoção de outros⁴. A criação de Institutos Históricos e Geográficos por

¹ Como mostra Maria Teresa Santos Cunha (2006, p. 125), as escritas ordinárias ou cotidianas são “aquelas que foram feitas pelas pessoas comuns sem a preocupação de escrever uma obra para a posteridade (...)”. São exemplos desses escritos bilhetes, boletins, anotações, cartas, cadernos, diários íntimos e de professores/as, relatórios, etc.

² Fontes que foram estudadas e analisadas em: CUNHA, 1982; PIVATTO, 2004; CARDOSO, 2006; OGAWA, 2008, entre outros.

³ Em “A Invenção Republicana”, Renato Lessa mostra como se deu o processo de rotinização do regime durante o Governo Campos Sales (1898-1902), especialmente em virtude da formulação e aplicação da “Política dos Estados”, que, de certa forma, tirou o país do caos em que vivia nos chamados “anos entrópicos”. Em Florianópolis, a situação foi ainda mais delicada por ter sido esta o epicentro da oposição florianista, durante a Revolta da Armada.

⁴ José Murilo de Carvalho, em “A Formação das Almas - O imaginário da República no Brasil”, traz alguns exemplos elucidativos nesse sentido. Um deles é a construção do mito de Tiradentes, cujo dia de morte foi transformado em feriado nacional, já em 1890. A escolha do alferes como herói da República, se deu, segundo o autor, principalmente em virtude da pouca densidade histórica do 15 de Novembro, que acarretou num vazio no

todo o país vem somar a esse processo, pois era essencial ter espaços oficiais incumbidos de fazer e contar uma História da Nação⁵, e principalmente, legitimar uma nova ordem⁶. O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina é o quinto mais antigo do país, fundado em sete de setembro de 1896. José Arthur Boiteux foi um dos idealizadores desse projeto, o qual teve também apoio oficial de Hercílio Luz, governador do Estado da época, e que aparecerá mais tarde como personagem deste trabalho.

Por acreditar que estão imbricadas, se optou por analisar tanto a relação entre José Boiteux e a memória quanto as sociabilidades investidas na troca de postais, cartões de visita e retratos constantes de seu acervo privado. Estes temas serão mais bem trabalhados ao longo dos capítulos um e dois, respectivamente.

As dúvidas e inquietações que incentivaram este estudo não apareceram no fim do curso de História, mas fazem parte de uma trajetória que começa no ano de 2007, na disciplina Prática Curricular Patrimônio Cultural. A partir desta disciplina, que para muitos acadêmicos é o primeiro contato com fontes documentais, passei a conhecer o Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina, e mais especificamente, o Acervo José Boiteux. Sob orientação da Professora Maria Teresa Santos Cunha, e em parceria com as acadêmicas Gabriela Ribeiro e Verônica Orlandi, realizamos o Projeto intitulado “Como prova de estima e amizade: Retratos do Acervo de José Boiteux⁷”. Neste trabalho 323 retratos receberam tratamento de higienização, catalogação, organização, digitalização e breve análise. Minha atenção logo se voltou para a investigação das dedicatórias desses retratos, o que resultou numa primeira inserção nas temáticas da história da cultura escrita e sociabilidades⁸.

panteão da jovem República. Outros exemplos lembrados por Carvalho, e também presentes na obra “As barbas do Imperador” de Lília Moritz Schwarcz, são a bandeira e o hino. Na primeira, a República reaproveitou a base da bandeira imperial – o fundo verde, o losango amarelo e a esfera azul, que traz as cores das casas de Bragança e Habsburgo, e trocou os símbolos reais (cruz, esfera armilar, coroa e os ramos de café e tabaco) pela frase positivista que hoje conhecemos.

⁵ Esta era escrita sob os moldes de uma História Positivista, que enfatizava uma História personalista, centrada nos grandes eventos e nos grandes heróis ou vultos, entre outras coisas.

⁶ Sobre o início da República no estado e criação do IHG-SC, a historiadora Rosângela Miranda Cherem aponta: “Como parte de sua legitimação, eram os republicanistas os primeiros interessados em buscar os antecedentes capazes de compor seu patrimônio e legado. Então, para além da mudança do nome da capital, sistematizando e aglutinando uma boa parte dos procedimentos destinados a deixar lastros, ocorreu a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina em 1896. Não por coincidência, a medida partiu de José Boiteux, que havia sido secretário de Lauro Muller quando este fora nomeado por Deodoro para ser o primeiro governador do estado.” (CHEREM, , p. 327)

⁷ Os resultados deste projeto estão disponíveis em RIBEIRO, 2008.

⁸ Ver artigo “**Da lente à letra: breve análise das dedicatórias do Acervo José Boiteux**” In RIBEIRO, 2008. Este trabalho está disponível para acesso online através do *Pergamum*, serviço de busca da Biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina: www.pergamum.udesc.br

No ano seguinte, como bolsista de Iniciação Científica – PIBIC, do Projeto “Territórios de muitas escritas. Os arquivos pessoais dos irmãos Boiteux / Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina / Séculos XIX e XX”, novamente sob a orientação da Professora Maria Teresa Santos Cunha, passei a aprofundar os estudos nessa temática, tendo por base um conjunto maior de fontes.

No presente trabalho, o elemento aglutinador das fontes de pesquisa é que todas contêm elementos manuscritos como dedicatórias, mensagens ou anotações. Característica que o situa na temática da História da Cultura Escrita, entendida na concepção trabalhada pelo historiador espanhol António Castillo Gómez, como “o estudo da produção, difusão, uso e conservação de objetos escritos qualquer que seja sua concreta materialidade” (GOMEZ, 2002, p. 19 - tradução livre).

A vertente está abrigada no guarda-chuva teórico da História Cultural, que segundo um dos seus grandes expoentes⁹, o historiador francês Roger Chartier, “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (1990, p. 17). Chartier cria categorias bastante importantes, como a de “representação”, conceito que para Sandra Jatahy Pesavento, “reorienta a postura do historiador” (2005, p. 39). Ainda para a autora, em sua obra seminal “História e História Cultural”, a categoria foi incorporada a partir das formulações de Marcel Mauss e Emile Durkheim, do início do século XX:

Mauss e Durkheim estudaram, nos chamados povos primitivos atuais, as formas integradoras da vida social, construídas pelos homens para manter a coesão do grupo e que propõem como representação do mundo. Expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, tais representações formam como que uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas. (PESAVENTO, 2005, p. 39).

Extraímos de Chartier outro conceito indispensável para estudos como este: o de *prática*. À sua semelhança, entendemos a escrita como uma *prática cultural*.

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros (BARROS, 2005, p. 131).

A preocupação com as sensibilidades é outra novidade da História Cultural, que também será apropriada no trabalho aqui proposto. Nas palavras literais de Pesavento, “as

⁹ Destacam-se ainda autores como Peter Burke, Robert Darnton e Carlo Ginzburg.

sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana do mundo” (2005, p. 56). Para o historiador, então, a incorporação dessas subjetividades em seu trabalho se dá na busca pela “tradução externa de tais sensibilidades geradas a partir da interioridade dos indivíduos” (PESAVENTO, 2005, p. 57).

Mas a História Cultural e aplicação desses novos conceitos só se fazem possíveis a partir da incorporação de novas fontes à pesquisa histórica. Esta *revolução documental* é fruto dos debates gerados pelo movimento de renovação da historiografia francesa, nos anos 1960-70, que ficou conhecido como “Nova História”.

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos (...). Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem (LE GOFF, 1990, p. 28)

Alicerçados nesta concepção de objeto historiográfico, materiais como postais, retratos e cartões de visita ganham o status de fonte em estudos como o que estas páginas buscam materializar. Dessa forma, estes escritos passam a ser entendidos como uma manifestação cultural, de afetos e sensibilidades, bem como uma evidência de redes de sociabilidades sociais e políticas.

Na análise também lançar-se-á mão do “paradigma indiciário”, de que fala o italiano Carlo Ginzburg (2001). Neste método, a investigação acontece a partir *indícios, sintomas e sinais* e o historiador assume uma postura detetivesca. Decifrar um quebra-cabeça, a partir de *cacos da história*, é o método do historiador cultural. A peculiaridade está na resposta desse enigma, que será mais uma versão possível, plausível, nunca final.

No primeiro capítulo propõe-se um passeio pelo Acervo José Boiteux, que abriga as fontes deste trabalho. O eixo deste capítulo é a memória, e a forma como José Boiteux com ela se relaciona. No primeiro tópico se discute de forma mais teórica a noção de memória, com base, sobretudo na obra de Pierre Nora. As várias biografias de José Boiteux têm espaço no mesmo item. Os trabalhos de Dante Martorano e Eliana Maria dos Santos Bahia ganham destaque nessas páginas, lado a lado com a “biografia” que as mesmas, de forma não-intencional, acabam criando. Noções como a de *homem de letras*, de Roger Chartier são imprescindíveis na representação que este estudo faz do personagem deste trabalho.

No segundo item do primeiro capítulo, *Memórias de Cimento e Papel*, se sobressai o José Boiteux *memorioso*, e suas ações a fim de preservar a história da cidade e a memória dos grandes vultos catarinenses. O terceiro tópico traz a dimensão do *guardar* na vida privada. Imiscuída à teoria que recorre a autores como Foucault e Artières, a história de Boiteux aparece como a de um homem que busca, através da guarda de materiais, como os que hoje temos às mãos para construir esse trabalho, se guardar do esquecimento. O último tópico tem por tema a importância do gênero na constituição de acervos pessoais. Buscando enriquecer esta abordagem, diferentes exemplos de acervos pessoais de homens e mulheres são utilizados.

Mais de 300 postais, retratos e cartões de visita conduzem o leitor pelo segundo capítulo deste trabalho. Em 2.1, alguns elementos são trazidos a fim de que se reflita sobre a noção de correspondência. Utilizado diversas vezes como sinônimo de *carta*, entende-se aqui este termo como mais abrangente, compreendendo as fontes desta pesquisa.

O segundo tópico trata dos postais, retratos e cartões de visita como espaços da cultura escrita. Portanto, se no item anterior a intenção é alargar a noção de correspondência, neste se intenta estender as possibilidades de estudos dessas fontes, ainda prioritariamente utilizadas nos estudos da imagem. No terceiro item, a atenção se volta para o ato da escrita nesse tipo de correspondência, ou seja, na ausência da *página em branco*, como as palavras dialogam com os elementos gráficos e imagéticos destes impressos, e como as interações são capazes também de produzir sentidos apreensíveis.

Seguindo as pistas deixadas pela correspondência enviada a José Boiteux, no quarto tópico se busca traçar alguns caminhos das sociabilidades vividas por ele. Um traçado limitado, mas que pode ajudar a dimensionar a importância dos postais, retratos e cartões de visita na tessitura das relações sociais daquela sociedade. Fechando este capítulo, a família e a escrita feminina aparecem como espaço ideal de demonstração das sensibilidades.

Boa leitura!

1. JOSÉ BOITEUX E MEMÓRIA

1.1 MEMÓRIA, LUGAR DE MEMÓRIA E VONTADE DE MEMÓRIA EM JOSÉ BOITEUX

“A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”

A frase que abre este capítulo é de autoria do historiador francês Pierre Nora, no artigo “Entre Memória e História: A problemática dos lugares”. Escrito originalmente no ano de 1984, e publicado no Brasil nove anos depois, na *Revista Projeto História*, do Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o texto traz a perspectiva do autor sobre *memória* e *história*, essencial para um trabalho que envolva ambas as dimensões como este.

Nas últimas décadas, a memória tem estado no centro de discussões acadêmicas, tanto no mundo, como no Brasil. Essa vontade ou desejo de memória se dá, sobretudo, em virtude do momento atual, marcado pelos processos de mundialização, mediatização, massificação e por uma consequente *aceleração da história* (NORA, 1993, p. 7).

No livro “Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos”, Ecléa Bosi ao discutir o tema aponta que “*lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado*” (1988, p. 55). Para a autora, “*fica o que significa*” (1988, p. 66-67), ou seja, tudo o que não é significativo se perde ao longo do caminho. É esta fugacidade, característica da memória, é que faz nascer a necessidade de se criar lugares de memória.

Nascido em São Sebastião de Tijucas Grande (atual cidade de Tijucas, distante aproximadamente 50 km da capital do Estado), no ano de 1865, o homem que dá nome ao Acervo é fruto da união de Henrique Carlos Boiteux e Maria Carolina Jacques. Deste casal nasceu ainda Hippolyto Boiteux, Henrique Boiteux (Almirante), Maria Luiza Boiteux Piazza, Etelvina Boiteux Linhares, Eulália Boiteux Baptista Pereira, Lucas Alexandre Boiteux (Capitão de Corveta), Adelaide e Alfredo, os dois últimos - falecidos ainda bebês.

Dentre as bibliografias que tem por tema a vida de José Arthur Boiteux, se destacam as “Notas biográficas publicadas por um grupo de amigos do candidato popular”, em ocasião das eleições para o Senado do ano de 1930, e o “escorço biográfico” do pai de José, Henrique Carlos Boiteux, que precedem seu livro “Nova Trento”¹⁰, sobre a cidade em que a família se estabeleceu, depois de passar por Tijucas.

A “Biografia de José Arthur Boiteux”, de autoria de Dante Mantorano, também é peça importante para um estudo como este. Sobre a obra, a pesquisadora Estela Maris Sartori Martini tece considerações bastante pertinentes:

Uma breve análise desta biografia, escrita em 1945, nos levou a inferir que seu autor preservava uma forte influência de sentimento romântico e idealista, seguindo sempre uma linha cronológica, característica da história factual, como, enfim faziam a grande maioria dos escritores da época. O autor vai construindo a representação do homem público, preocupando-se inicialmente em caracterizar a origem familiar, as qualidades dos progenitores, o ambiente perfeito que germinou a “semente”. O pai, um comerciante de raro caráter, a mãe incansável dedicação e bondade, cheia de virtudes cristãs. José Arthur Boiteux é assim imortalizado pelo seu biógrafo: como o “servidor da pátria”, e este, jamais deve ser exposto em imagens desfavoráveis. Tudo o que pode contribuir para engrandecê-lo é o que deve ser exibido. Parece imprescindível para o autor, mostrar que Boiteux é, ao mesmo tempo descendente de uma grande família e um grande servidor do Estado, inteiramente dedicado à causa pública. (Martini, 2006, p. 49)

É importante ressaltar então, que a leitura desses materiais não pode ser feita sem se observar os paradigmas historiográficos vigentes à época – em que imperava uma visão de história com ênfase na descrição pormenorizada dos fatos políticos e na construção de biografias heróicas, escritas de forma laudatória. Ainda que exijam uma leitura mais cautelosa, esses materiais são peças de grande importância para construir uma narrativa historiográfica, e não devem ser de modo algum subvalorizados, mas sim entendidos como fruto de seu tempo.

Merece destaque ainda, a dissertação de mestrado de Eliana Maria dos Santos Bahia, uma das pesquisadoras pioneiras do Acervo José Boiteux. No trabalho, a pesquisadora faz importante inventário do conteúdo do referido acervo, encontrando cerca de 40.000 documentos/peças. O conjunto contendo cerca de 33.300 foram por ela catalogados e organizados, conforme a seguinte tabela:

¹⁰ As obras citadas estão disponíveis para consulta local na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

TIPOLOGIA DOCUMENTAL	QUANTIDADE
Documentação Pessoal	1002 peças
Série Correspondência	5341 peças
Produção Intelectual	1232 peças
Série Jurídico-Administrativa	1009 peças
Série Política	2000 peças
Recortes de Jornais	10735 peças
Fotografias/ Postais	12000 peças
TOTAL APROXIMADO	33319 PEÇAS

Fonte: BAHIA, Eliana M.dos Santos (1994)

Podemos caracterizar José Boiteux (1865-1934) como o que Chartier (1996, p. 160) chama de *homem de letras*, “indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes”. Intelectual, de formação humanista, bacharelou-se em Direito no Rio de Janeiro em 1917, depois de ter abandonado o curso de Medicina. Seus escritos estamparam páginas tanto do Jornal A República, de Florianópolis, como de muitos outros, país afora: “*Rara é a revista de assuntos brasileiros em que não tenha inserto artigos de sua lavra em prol da terra natal (...)*” (Desembargador..., 1930, p.7). Seu interesse pela história e geografia, balizado pelas idéias positivistas, também renderam várias publicações, como: “A Costa Catarinense”, “Dicionário Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina”, “Santa Catarina-Paraná: questão de limites”, entre outros.

Ocupou diversos cargos políticos, condição que ao mesmo tempo definiu sua rede de sociabilidades e foi por ela definida. Teve posições em diferentes secretarias estaduais, foi deputado estadual e federal, vereador, juiz de direito (nas cidades de São Bento do Sul e Tijucas), desembargador do Tribunal de Justiça e do Supremo Tribunal. Fundou em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX, diversas instituições como Academia Catarinense de Letras e o já citado IHG-SC, entre outros. Seus esforços no sentido de fomentar o ensino superior em Santa Catarina, substanciados na criação do Instituto Politécnico, em 1917, e da Faculdade de Direito do Estado, em 1932, foram reconhecidos por alunos, parentes de alunos, e pela sociedade em geral que louvava sua preocupação com a “mocidade dessa terra”.

A partir de uma análise da biografia de José Boiteux, é possível depreender que ele estava inserido em várias esferas, que transcendiam, inclusive, a sociedade desterrense-florianopolitana. Esse ponto será retomado no próximo capítulo.

Vimos, até este momento, um pouco do José Boiteux positivista¹¹, do jornalista, do político, do idealista, do herói, entre outros. A partir de agora, outra faceta da personagem ganha destaque: o *guardador*.

1.2 MEMÓRIAS DE CIMENTO E PAPEL: JOSÉ BOITEUX E OS LUGARES DE MEMÓRIA

São muitas as mãos que manusearam os documentos que compõem o Acervo José Boiteux. Mãos de pesquisadores que passam pelo Instituto Histórico e Geográfico de SC, da bibliotecária, dos diversos estudantes que tem lá o primeiro contato com fontes manuscritas, de Eliana Bahia, que organizou grande parte do material na década de 1990, da família que recolheu esse material e doou à instituição no fim dos anos 1980... Propõe-se aqui uma reflexão sobre o processo de construção desse acervo, em especial, da fase em que esses materiais ainda não tinham uma das características definidoras de sua historicidade: o tempo passado.

Quando se desloca o olhar dos indícios que as fontes trazem sobre determinada questão, e as coloca como problema central de pesquisa, um dos conceitos de que se dispõe é o de *lugar de memória*, cunhado pelo historiador francês Pierre Nora. Para este autor, “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13). Alicerçado nesta noção, o historiador Elton Francisco assim aponta sobre o José Boiteux *memorioso*:

Seu envolvimento na criação do próprio IHGSC, na idealização do Arquivo Público do Estado, da Academia Catarinense de Letras, da Pinacoteca do Estado, mostra como Boiteux era um homem preocupado com o passado e com a cultura do Estado. Ao idealizar “lugares de memória” ele assume seu compromisso com a história. (FRANCISCO, p. 36, 2006)

¹¹ Cabe lembrar que esta é uma caracterização feita *a posteriori* e que se hoje ser adjetivado como “positivista” pode soar pejorativo, naquela época esses valores estavam intrinsecamente ligados à modernidade e ao progresso.

Monumentos, ou seja, obras arquitetadas para guardar para a posteridade a lembrança de algo ou alguém notável, também podem ser entendidos como *lugares de memória*, “marcos testemunhais de uma outra era” (Nora, 1993, p. 13). A materialização do passado no cimento, concreto ou mármore, parece uma busca por tornar a memória tão sólida quanto seu suporte.

Denominado por um de seus biógrafos como “semeador de estátuas”¹², José Boiteux também canalizou sua *vontade de criar memória* promovendo a manutenção da memória de diversas personalidades do Estado, ação inserida no projeto de consolidação da República Catarinense, já tratado anteriormente. O “hábito” de Boiteux por estátuas foi objeto de estudo de Danúsia Miranda von Zuben, que inventariou:

Foram inúmeros os monumentos feitos erigir por Boiteux no Estado, principalmente na capital: a estátua do Coronel Fernando Machado (1917), os bustos de Anita Garibaldi (1919), do Conselheiro Jerônimo Coelho (1919), de Cruz e Souza (1923), de Fritz Müller (Blumenau, 1926), de Victor Meirelles (1929), de Hercílio Luz (1936), placas comemorativas de Arcipreste Paiva, Conselheiro Mafra e outros. Por falta de recursos financeiros, não conseguiu erguer os monumentos ao Irmão Joaquim, a Luiz Delfino e a Germano Wendhausen (ZUBEN, 2006, p. 28).

Conservar a memória familiar também foi ponto-chave de muitas das ações de José Boiteux. Além de redigir o “escorço biográfico”¹³ de seu pai, o Coronel Henrique Carlos Boiteux, há indícios de ter José influenciado a escolha de “Boiteuxburgo” como nome da sede do núcleo colonial Esteves Júnior, há época parte da comarca de Tijucas (atualmente distrito da cidade de Major Gercino – ver figura 1).



Figura 1: Mapa da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional de Brusque

Fonte: www.sc.gov.br

¹² “É dignificante recordar o ‘Semeador de Estátuas’ no seu amor à terra. Aí estão os monumentos das praças públicas de Florianópolis...” (Martorano, 1984, p. ?)

¹³ Escorço, segundo o Dicionário Aurélio, significa resumo, síntese (Dicionário Aurélio 1986, p.689).

Transcrita no escorço, está a carta de Samuel Gomes Pereira, Inspetor do Serviço de Povoamento, destinada a José, em que se lê:

Não tendo sido dada até hoje, denominação oficial à sede do núcleo Esteves Junior e, além de imprópria, nada significar a designação “Barra Negra”, que se lhe tem dado, porque Barra Negra fica situada cinco quilômetros à jusante do local onde está estabelecido a sede, tenho a honra de comunicar a V. Exa. que, autorizado pela Diretoria do Serviço de Povoamento, resolvi dar-lhe a denominação oficial de Boiteuxburgo, em **homenagem ao falecido Coronel Henrique Carlos Boiteux, tronco de uma ilustre família catarinense**, um dos primeiros e o mais operoso explorador do sertão onde foi fundado aquele núcleo e ao qual muito deve o serviço de colonização deste Estado pelos esforços e zelo com que se dedicou ao progresso e desenvolvimento da antiga colônia que hoje constitui o prospero município de Nova Trento. **Espero que meu ato mereça a aprovação de V. Exa.** e aproveite a oportunidade para apresentar a V. Exa. os protestos de mui respeitosa estima e alta consideração. Saúde e Fraternidade. (BOITEUX, 1929, p. 18)

Vê se então, que Samuel Gomes Pereira leva seu feito a conhecimento de José, buscando aprovação. Ao se mostrar como autor e idealizador único dessa empresa, o Inspetor gera para si, consequentemente, créditos na cadeia de troca de favores.

Uma intenção de preservar a memória de José Boiteux, em especial post-mortem, também pode ser observada no uso de seu nome em ruas (nas cidades de Florianópolis, Mafra, Porto União e Caçador, por exemplo) e escolas (Escola Estadual José Boiteux, em Florianópolis) e da construção de bustos em sua homenagem.

Podemos citar ainda, a Fundação José Boiteux, de atuação jurídica, da Universidade Federal de Santa Catarina. Outro exemplo bastante significativo é o da mudança do nome do distrito *Scharlach* para *José Boiteux*, a partir do decreto estadual nº 498, pouco mais de um mês após sua morte em 1934. Inicialmente, o distrito estava vinculado à cidade de Hamônia, que depois se tornou Dalbérgia, até virar Ibirama (fig. 2) – como é conhecida atualmente. Desta, *José Boiteux* foi oficialmente desmembrado no ano de 1989, quando virou município¹⁴.

¹⁴ Distante 237 km de Florianópolis, o município José Boiteux está localizado no Alto Vale do Itajaí e tem poucos mais de 4.500 habitantes.

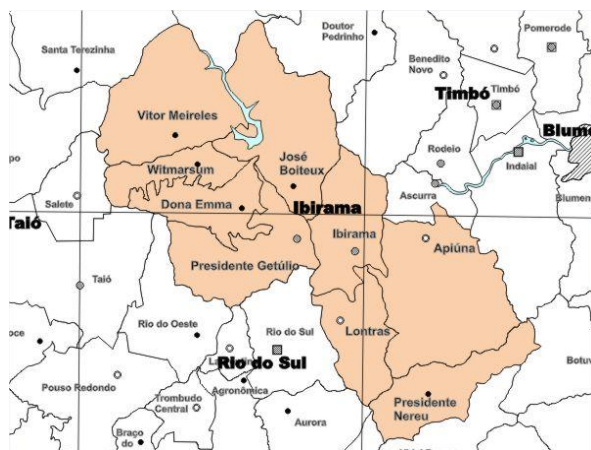


Figura 2: Mapa da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional de Ibirama

Fonte: www.sc.gov.br

Para além de notório envolvimento na criação e manutenção de instituições - algumas de salvaguarda da memória e monumentos, José Boiteux levou também para sua vida particular esse hábito.

1.3 VIDA EM ARQUIVO: A BUSCA PARA SE GUARDAR DO ESQUECIMENTO

“O anormal é o sem-papéis.”

O autor da frase que nos serve como epígrafe, *Philippe Artières*, em estudo sobre a constituição de arquivos pessoais, analisa alguns aspectos dessa prática. Um dos pontos que mais interessam esta pesquisa, em particular, são os fatores que acionam esse modo arquivista. Para o autor, ao *arquivar nossa vida*, estamos respondendo a uma *injunção social*, ou seja, uma imposição tácita da sociedade. “Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas, nem deixar lacunas. (...) O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico” (1998, p.3).

Outro ponto levantado pelo historiador francês que merece destaque é a *intenção biográfica* contida nas práticas de *arquivamento do eu*. Remetendo ao que Michel Foucault denominou *preocupação com o eu*, aponta: “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor a imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p.3). Ainda nesse sentido, para a historiadora Maria Teresa Santos Cunha (2008, p. 119), que pesquisou os escritos de Lucas e José Boiteux, “os arquivos pessoais encerram a intenção do titular de ser reconhecido pela posteridade por uma identidade digna de nota e, ao que as evidências

apontam, os irmãos Boiteux foram exímios arquivistas, tanto de si como dos outros e da cidade”.

Em sua dissertação de mestrado, Priscila Fraiz caracteriza o arquivo privado de Gustavo Capanema como um:

projeto autobiográfico porque, construindo seu arquivo, ele constrói sua expressão individual, sua imagem, seu eu, efetuando o pacto com o leitor (no caso, o usuário do arquivo). É como se Capanema estivesse dizendo: “você está lendo a minha vida, construída e escrita por mim (FRAIZ, 1998, p. 25).

Esse ensejo faz bastante sentido se refletirmos sobre a durabilidade dos guardados, que em muitos casos ultrapassa a do titular. Para Ulpiano Bezerra de Meneses, a maior longevidade do artefato “já o torna apto a expressar o passado de forma profunda e sensorialmente convincente” (MENESES, 1998, p. 2). Na mesma direção aponta o historiador Elton Francisco, já citado anteriormente, em seu trabalho sobre a faceta guardadora de José Boiteux. São suas palavras textuais:

Assim Boiteux guardou para se guardar do esquecimento. Pela consciência de deixar à posteridade os conhecimentos produzidos em sua época ele juntou tudo o que de alguma forma significava para ele. Mostrou-se um sujeito comprometido com o passado e conseqüentemente com a própria história (FRANCISCO, 2006, p. 42).

A guarda de um material, porém, não garante que ele permanecerá arquivado. “Vez por outra (...) estes documentos são relidos, redistribuídos, classificados. Passam sempre por inúmeros descartes: por falta de espaço; porque não se lembra mais do seu significado; porque o papel traz lembranças dolorosas, enfim, não faltam razões para que caiam no esquecimento” (CUNHA, 2008, p. 127). Assim, o arquivamento não acontece de maneira aleatória: “(...) não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs de nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, sublinhamos, colocamos em enxergo certas passagens” (ARTIÈRES, 1998, p. 3). Sofrendo triagens com o passar do tempo, o arquivo pessoal ganha contornos de uma leitura possível da realidade, mas não a única. E é com essa noção que temos que nos armar para não cair nas garras do que Ângela de Castro Gomes chamou de *feitiço*.

Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma “verdadeira”: aí ele se mostraria “de fato”, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros

Constituídos sem que haja a obrigatoriedade regida por estatuto ou costume, os arquivos pessoais são fruto de uma subjetividade que nos escapa. Por essa razão, sua análise deve lançar mão de certo rigor, para nos mantermos o mais longe possível de armadilhas, um

“prato cheio e quente”, na metáfora de Gomes. Sendo assim, “(...) os historiadores devem se municiar dos nada novos procedimentos de crítica às fontes, guarneceados com escolhas teóricas e metodológicas capazes de filtrar o calor, de maneira a não ter a boca queimada” (GOMES, 1998, p. 6)

1.4 VIDA DE HOMEM, ACERVO DE HOMEM: GÊNERO E A CONSTITUIÇÃO DO ACERVO PESSOAL DE JOSÉ BOITEUX

Gênero é uma categoria que pode auxiliar o pensar sobre a subjetividade que define as características do arquivo pessoal. Enquanto documentos constantes de acervos pessoais dão pistas sobre a vida do titular do acervo e suas relações, esses, por sua vez, também podem ser visibilizados na constituição do acervo.

Essa reflexão surgiu a partir da leitura da obra “*As Memórias da Viscondessa*”, em que Mariana Muaze analisa a documentação íntima - álbuns de retratos e cartas - dos Ribeiro de Avellar, uma rica família do Vale do Paraíba fluminense. No corpus fotográfico de Muaze, dentre o conjunto de retratos individuais (78% do total), a diferença entre o número de retratados homens e mulheres é de apenas 4% a mais para os homens. Diferença bastante pequena se comparada ao conjunto de 80 retratos utilizados neste trabalho, em que 13,75% dos retratados são mulheres e 86,25%, homens. A peculiaridade está no gênero do colecionador, fator definidor dos espaços de circulação dessas pessoas e das sociabilidades que se podia/devia tecer. No cruzamento dos dois acervos em estudo, os vestígios deixados por Mariana Velho de Avelar e José Arthur Boiteux nos levam a acreditar que eles seguiam os padrões de gênero vigentes à época¹⁵. Ela, voltada para a esfera privada, era mãe e esposa dedicada. E era esse mundo que se evidenciava em seus escritos. Já Boiteux, circulava entre o privado e o público, esferas que por vezes se fundiam, e que se substanciaram em seus guardados.

Sobre a circularidade desses materiais e gestos correlatos, Muaze aponta:

(...) a troca de cartes de visite, assim como suas dedicatórias, as recomendações epistolares, as visitas e contravisitas, o envio de presentes, a troca de favores faziam parte de um conjunto de práticas cotidianas que atuavam no sentido de fortalecer as relações afetivas entre os membros da parentela no seu âmbito privado (MUAZE, 2008, p. 155).

¹⁵ Outro exemplo revelador da presença do gênero do titular na composição do acervo em Martin-Fugier (2003, p. 197): “*Caroline Chotard-Lioret recensou 11 mil cartas dirigidas a Marie e Eugène Boileau entre 1873 e 1920, a maioria delas dos filhos e membros de suas respectivas famílias*”.

A autora não está equivocada em enfatizar a função dessas práticas no foro íntimo, e sim, mostrando o que suas fontes disseram. Gisele Martins Venâncio, por sua vez, encontrou no Acervo pessoal de Oliveira Vianna, indícios que a fizeram pensar sobre as peculiaridades das relações do titular do arquivo. Para a pesquisadora: *“A troca de correspondência é ainda mais importante na vida de um intelectual, como Oliveira Vianna, que não freqüentava regularmente outros espaços de sociabilidade do mundo das letras”* (VENANCIO, 2002, p. 226). Dessa forma, os destaques no trabalho acima citado são os intercâmbios intelectuais e as trocas de livros mediadas pela correspondência, que consultada traz, entre outros, *“diversas propostas feitas por amigos e editores, as solicitações de artigos e textos para revistas e/ou compor obras de autoria coletiva, além de diversas encomendas de artigos para jornais”* (VENANCIO, 2002, p. 227). Vale lembrar que além de terem sido contemporâneos, Oliveira Vianna e José Boiteux legaram acervos privados pessoais que oportunizaram o estudo de Gisele Venancio, de Eliana Bahia, etc e este, especialmente.

À semelhança do que Mariana Muaze e Gisele Venancio fizeram, o próximo capítulo pretende mostrar caminhos indicados pelas fontes.

Ainda que a linha que divide as esferas do público e do privado seja bastante tênue¹⁶, haja vista o texto clássico de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, já se pode adiantar, que as escritas ordinárias do Acervo José Boiteux nos dão mais elementos para pensar sua atuação no âmbito público, que no privado.

¹⁶ Num plano geral, essa temática é abordada no clássico de Richard Sennett: **O Declínio do Homem Público**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988

2. SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES NAS ESCRITAS ORDINÁRIAS DO ACERVO JAB

2.1 – POR UMA NOÇÃO AMPLA DE CORRESPONDÊNCIA

A análise das escritas ordinárias preservadas no Acervo José Boiteux nos dá pistas para pensar tanto o ato dessa escrituração – aspectos da história da cultura escrita, quanto implicações dessa prática na criação e manutenção de redes de sociabilidades.

Como citado anteriormente, o corpus dessa pesquisa constitui-se de 132 fotografias, 136 postais e 17 cartões de visita, todos contendo elementos manuscritos como, dedicatórias, mensagens ou anotações. Optou-se então, pelo estudo de correspondência, que se entende como um termo abrangente que comporta cartas, cartões-postais, telegramas, bilhetes e fotografias dedicadas. As formas podem ser diferentes, mas a definição básica está em ser uma mensagem que é enviada de alguém para outro alguém, através da escrita. Remetendo aos estudos de Cécile Dauphin, Gisele Venancio aponta sobre este tema:

(...) o termo “correspondência, assim como o “escritura” é polissêmico, ou seja, possui diversos significados distintos. Significa traço, indício, aquilo que *corresponde* ao que resta da realidade de um acontecimento; é, ao mesmo tempo, texto produzido e objeto trocado entre aqueles que se *(co)respondem* e designa ainda o processo da escritura, a lógica que funda os gestos e as práticas, é a *correspondência* entre os indivíduos que testemunha as suas trocas afetivas e intelectuais. (VENANCIO, 2002, p. 222)

“Penso que tens câimbras nos dedos, (...) pois te esqueceste de nós todos”¹⁷.

A frase acima é trecho de um postal enviado, em 1910, por Henrique Boiteux ao irmão José. Usando de uma brincadeira irônica, propícia em virtude da intimidade do parentesco, o irmão que anuncia sua chegada (*“Preparo as malas para breve.”*), reclama da ausência de correspondência. A espera de resposta também é característica definidora dessa prática - uma troca que exige esforço mútuo:

(...) a correspondência estabelece uma relação. A prática epistolar de um indivíduo só existe em função de um outro, para quem se enuncia uma fala e de quem se aguarda uma resposta. É portanto uma via de mão dupla, um ir e vir entre uma intenção anunciada, uma espera ansiosa e uma resposta que tem por função principal o restabelecimento do início do processo (VENANCIO, 2001, p. 1)

¹⁷ BOITEUX, Henrique [bilhete postal] 21 mar. 1910 [para] BOITEUX, José, Rio de Janeiro. 1f.

Prova dessa urgência por resposta, são inúmeras outras reclamações de “câimbras nos dedos” que as fontes mostram. Da cidade de São Bento, em Santa Catarina, Ilsa escreve um postal destinado a Ruyter Boiteux, filho de Henrique Boiteux. Escrito em 1925, a correspondência traz literalmente:

“Querido Ruyter, Como vais? Nunca mais recebi uma cartinha tua. (...)”¹⁸

De forma semelhante Leo reclama da espera, mas também agradece: “Bom amigo Sr. Boiteux. **Já me julgava esquecido**, fiquei muito contente com sua carta”¹⁹.

Entendemos então, *correspondência* como uma categoria que engloba diferentes formas de se trocar uma mensagem escrita, tais como cartas, postais, bilhetes, cartões de visita e fotografias (através da dedicatória), caracterizada também, pela necessidade de envio de resposta.

No entanto, se a escrita epistolar tem seu espaço consolidado nos estudos da cultura escrita, o mesmo não acontece com os postais e as fotografias. Fontes prioritárias dos estudiosos da imagem, suas mensagens e dedicatórias têm sido utilizadas majoritariamente para suprir lacunas, à semelhança do que acontecia anteriormente com as imagens, consideradas, de forma errônea, *ilustrações*. Para entendê-los como espaço da cultura escrita, se faz necessário ter elementos para dimensionar de que forma a prática de trocar cartões de visita e postais e dedicar fotografias fazia parte do cotidiano e das relações dessas pessoas.

2.2 – POSTAL, CARTÃO DE VISITA E FOTOGRAFIA: ESPAÇOS DA CULTURA ESCRITA

A fotografia nasce no século XIX bastante diferente da forma que conhecemos hoje. O pioneiro método do daguerreótipo de 1839, cunhado em homenagem ao seu criador Louis Daguerre, por exemplo, exigia que o cliente posasse por até 60 minutos e pagasse um preço bastante alto para ter sua imagem “eternizada”.

Em 1854, no entanto, o fotógrafo francês André Adolphe-Eugène Disdéri cria uma técnica de produzir retratos pequenos (9,5cm x 6cm) sobre um papel albuminado: os *cartes de*

¹⁸ Ilsa [bilhete postal] 2 mar. 1925, São Bento [para] BOITEUX, Ruyter, Rio de Janeiro. 1f.

¹⁹ Leo [bilhete postal] (s/ data), (s/ local) [para] BOITEUX, José, Rio de Janeiro. 1f.

visite, que levavam este nome por ter tamanho semelhante ao de um cartão de visita. Esse novo processo, mais barato²⁰ e de pose rápida, revolucionou o retrato fotográfico, que se torna um modismo mundial²¹, objeto de desejo de muitas pessoas, inclusive no Brasil, aonde a técnica chega em meados da década de 1860.

A popularização do retrato nesse período está ligada à ascensão e difusão do *sentimento de identidade individual* ao longo do século XIX. Este tema é tratado por Alain Corbain, em *O Segredo do Indivíduo* e por Mariana Muaze (2008, p. 121). Segundo a autora: “(...) a invenção da fotografia, em fins da década de 1830, pode ser entendida como resposta à necessidade do homem de dar expressão a sua individualidade num mundo em transformação”.

Ser fotografado era sinônimo de distinção²². Distinção que era compartilhada com o círculo de amigos e com os parentes próximos ou distantes. Os *portraits*, além de guardados nos álbuns de família, eram remetidos às mais diversas pessoas, por motivos também diversos.

O cartão ou bilhete-postal surge também no século XIX, mais precisamente na década de 1860. Sobre o surgimento dos postais, Felipe de Paula Souza aponta:

Oficialmente os cartões-postais foram lançados em 26 de janeiro de 1869. Emmanuel Hermman, economista austro-húngaro, produziu uma coleção divulgada como “um novo meio de correspondência postal”. A criação dos cartões-postais representou uma verdadeira revolução na história da cultura. Surgia aí então um mundo portátil, abundantemente ilustrado, com o predomínio de possibilitar ser colecionado, surge saciando o imaginário popular (Souza, 2006, p.)

Unindo imagem à escrita, o bilhete postal tem seu ápice no fim dos oitocentos, graças, sobretudo, a sua praticidade. Sobre a rápida difusão dos postais, Corbain mostra que:

Bruscamente, no final do século [XIX], o cartão postal difunde-se aos milhões por todo o Ocidente. Facilita a ampliação da rede de correspondência, contribui para estreitar os laços entre a parentela ou o círculo de amigos, estimula a coleção e a constituição de lembranças. Suas fórmulas estereotipadas economizam palavras; o postal permite a indivíduos que até então ignoravam a escrita epistolar exprimir à distância seus sentimentos. (CORBAIN, 2003, p. 422).

²⁰ Para se ter uma idéia, o custo de uma dúzia de *cartes de visite* equivalia ao valor de um daguerreótipo. (VASQUEZ, 2002, p. 29)

²¹ É na década de 1870 que o *carte de visite* começa a perder espaço para o *carte cabinet*, de dimensões um pouco maiores.

²² A assinatura do fotógrafo no verso do retrato era um dos fatores que interferia na qualidade dessa distinção. Ser retratado por um fotógrafo itinerante, por exemplo, não tinha o mesmo valor que posar para alguém com o título de *Photographo da Casa Imperial*.

Uma novidade do bilhete-postal vai abalar as estruturas da correspondência formal: a ausência de envelope. “Rompendo o segredo epistolar, essa nova forma de correspondência seguia aberta e, portanto, poderia ser alvo de olhares furtivos de estranhos. (SCHAPOCHINIK, 2001, p. 428)”. A saída desse impasse foi estabelecer que oficialmente os bilhetes postais gozavam da mesma inviolabilidade das cartas.

De tamanho diminuto, os cartões de visita tinham uma função que ultrapassava a apresentação formal. Com acréscimo de algumas palavras, podiam se tornar uma forma de correspondência. “Quanto aos cartões de visita enviados pelo correio, são numerosíssimos: no final do século [XIX], mais de um milhão deles, apenas no dia 1º de janeiro, passam pelos correios de Paris” (MARTIN-FUGIER, 2003, p. 224). Em Florianópolis, era possível encomendar cartões de visita em tipografias ou livrarias, como a Cysne, cuja propaganda o *Jornal Miliciano* traz em maio de 1928 (fig. 3²³).



Figura 3: Anúncio da Livraria Cysne. Fonte: *Jornal Miliciano*. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

À exceção dos cartões de visita, as fontes que alicerçam este trabalho, postais e retratos, tem sido usadas de forma recorrente nos estudos da imagem. A proposta deste trabalho é pensá-las também como espaços da cultura escrita. Espaços onde as peculiaridades do suporte acabam, de certa forma, interferindo na forma dessa escrita.

²³ Especial agradecimento à historiadora Larissa Cerezer que gentilmente pesquisou anúncios de tipografias no Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

2.3. O ATO DE ESCREVER NOS POSTAIS, CARTÕES DE VISITA E RETRATOS

Para Michel de Certeau (2008, p. 225), um dos elementos decisivos da escritura é a página em branco, “*um lugar desenfeitiçado das ambigüidades do mundo*”. O que não significa que o ato de escrever não possa acontecer fora desse suporte, mas caso isso ocorra, essa *arte de fazer* terá peculiaridades. É o que acontece quando as palavras correm sobre um postal, retrato ou mesmo cartões de visita, espaços definidos por conter elementos gráficos e/ou imagéticos. Analisando as fontes de que dispomos, foi possível perceber mais de uma forma de diálogo entre o texto e o suporte.

Um dos diálogos possíveis é fazer anotações descritivas em fotografias. Anota-se para que determinadas informações, como lugares, datas e fisionomias, não fiquem à mercê da memória. Do conjunto de 132 fotografias analisadas, doze delas (aproximadamente 9%) não trazem dedicatórias escritas, mas anotações.



Figura 4: Estrada de ferro São Paulo – Rio Grande / Guaraúna. Fonte: IHG-SC

No verso da fotografia reproduzida acima (fig. 4), se lê “*Estrada de ferro São Paulo – Rio Grande / Guaraúna*”²⁴. Preferiu-se, então, destacar o lugar a que remete a fotografia, ao

²⁴ Fotografia sem data ou autoria.

invés da identidade das pessoas ou a data. Informações como essas podem ser obtidas através de métodos disponíveis nos estudos da imagem, mas isso não constitui um objetivo deste trabalho. Este exemplo nos dá pistas do quanto a *escrita ordinária* pode dialogar com seu suporte, neste caso complementando-o, subsidiando-o com uma informação que, com o tempo, poderia deixar de ser familiar.

Outras referências como essa podem ser encontradas nas fotografias do acervo pesquisado, como por exemplo (fig. 5 e 6):

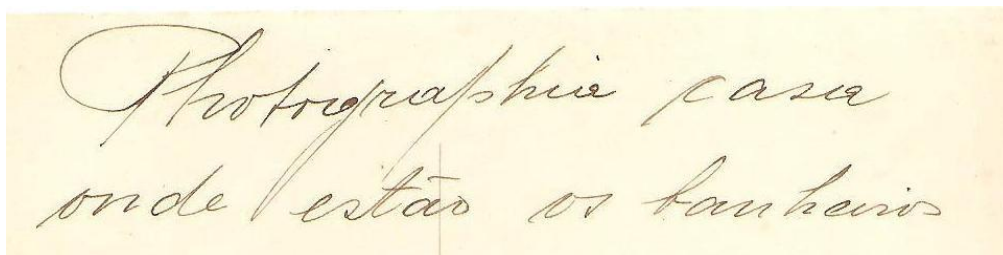


Figura 5: Casa onde estão os banheiros - detalhe da fotografia²⁵ Fonte: IHG-SC



Figura 6: Goiás - detalhe da fotografia²⁶ Fonte: IHG-SC

Lembrar de rostos também pode se tornar tarefa difícil com o passar dos anos. Para que as fisionomias não caíssem no esquecimento, se usava enumerar as pessoas da foto e legendá-la, anotando ao lado do número, o nome da pessoa correspondente. Foi o que fez Hyeda Caldeira, na fotografia que dedicou à *amiguinha* Íris (fig. 7 e 8).

²⁵ Fotografia sem data ou autoria.

²⁶ Idem.



Figura 7: Fotografia jovens sentados Fonte: IHG-SC



Figura 8: Dedicatória de Iris a Hyeda Caldeira. Fonte: IHG-SC

Apesar de não ser ponto pertinente neste estudo, é interessante perceber que a foto sofreu outra interação, na medida em que o rosto de Orlando Foeldner foi subtraído da foto. Tarefa não muito fácil é descobrir em que momento, por quem e por que tal feito se deu. Orlando sumiu da foto pelas mãos de Hyeda, que inclusive aparece ao seu lado na foto, por Íris, ou por uma terceira pessoa que juntou a foto ao acervo? Por amor ou por ódio?

(...) a mutilação das fotos é algo de insólito: ‘imagens cortadas com tesoura ou gilete e mantidas no álbum como um buraco vazio’. Essa razia parece algo extremamente significativo, pois revelava a utilização das fotos tanto para adornar os camafeus e broches, mantendo próximo do corpo a imagem do ser amado, quanto para confeccionar ex-votos e relicários, ou ainda traduzia a existência das ovelhas negras, isto é, daqueles membros do círculo familiar ‘que romperam com as regras do bom convívio; através da marca não são esquecidos, embora não mereçam estar presentes’ (Schapochinik, 2001, p. 462-462).

Assim, há algo de simbólico no ato de cortar alguém de uma fotografia. Quando esse ato se dá no sentido de expurgar uma pessoa, também era costumeiro riscar o rosto do fotografado.

De volta ao tema de interesse, vemos que nem sempre é possível ser feita a identificação total dos personagens de uma fotografia, tal qual fez Hyeda Caldeira. Se algumas das pessoas nos são desconhecidas, ou o tempo assim as tornou, nos resta anotar os nomes de que dispomos.



Figura 9: Evento no Adro da Catedral Metropolitana de Florianópolis - fotografia e detalhe do verso. Fonte: IHG-SC

No verso desta foto (fig. 9), que possivelmente se trata do registro de uma celebração religiosa no Adro da Catedral Metropolitana de Florianópolis, aparecem grafados os numerais de um a oito, referindo-se, provavelmente, aos oito homens que melhor aparecem na fotografia; mas apenas os números 1, 2 e 8 tem nomes correspondentes: “1 – *Haroldo Paranhos Pederneiras* / 2 – *Dom Joaquim Domingos de Oliveira* 8 – *Waldyr Grisard*”. Tal fato pode ter se dado por desconhecimento da identidade dos outros cinco homens, pela não importância dos mesmos ou pela maior importância dos três nomeados.

Anotações também podem fugir do campo da objetividade, das datas, faces e lugares, e transmitir, através das palavras, pareceres sobre o conteúdo de uma imagem. A legenda dada à fotografia a seguir (fig. 10), por exemplo, é ilustrativa do que foi apontado. A imagem mostra um pequeno casebre, três porcos, dois patos, um cavalo, um agricultor – um homem que provavelmente parou seu trabalho de cortar lenha para posar para um retrato com sua família: uma mulher e seis crianças de cabelos loiros. No verso se lê “*A riqueza d’um colono*” (detalhe). Vemos que a riqueza de que fala o *anotador* não se trata de bens que possam ser cifrados. Algumas interpretações possíveis são que ele esteja se referindo à família, à fartura representada pelos animais, à natureza a ser desbravada - a mata que preenche o plano de fundo da foto - ou ao valor do trabalho substanciado na enxada que

descansa nas mãos do colono. Ainda é possível que ele tenha usado de ironia para criticar às más condições a que eram submetidos os colonos que desbravaram o Estado.



Figura 10: A riqueza d'um colono - fotografia e detalhe do verso. Fonte: IHG-SC

No caso dos cartões-postais, se deve levar em consideração que são materiais onde a escritura é incentivada. Incentivada, porém limitada, como lembra Schapochinik (2001, p. 427-428): *“Em razão do limitado espaço destinado à escrituração, a carta-postal se caracterizava por apresentar uma mensagem lacônica, uma fórmula de polidez, acompanhada pela assinatura do remetente e dos dados do destinatário”*.

É bastante comum, nos exemplares analisados, o postal trazer um espaço específico para correspondência. Esta ocupava praticamente toda a metade esquerda do verso do cartão, sendo a outra destinada ao nome e endereço do destinatário. A ocupação desses espaços era guiada por indicações na parte superior e o limite de cada uma dessas escritas era traçado por um fio, como exemplifica a imagem a seguir (fig. 11):



Figura 11: Verso postal I. Fonte: IHG-SC

Essa configuração, embora majoritária nos postais do corpus documental analisado, não era a única. Alguns postais não trazem no verso o espaço para correspondência, e indicam: “*Neste lado só o endereço*”. A frase não é a única que enuncia essa condição, a composição gráfica, com linhas que percorrem toda a largura da página, enfatiza que ali só há espaço para o endereço e nome daquele que receberá o postal (fig 12).



Figura 12: Verso postal II. Fonte: IHG-SC

Nesses casos, a correspondência era escrita na parte da frente do postal, num espaço em branco, destinado a esse fim, mas sem indicações explícitas, como mostram os seguintes cartões:



Figuras 13, 14, 15 e 16: Frente postal vertical I e II e frente postal horizontal I e II. Fonte: IHG-SC

Sem linhas, as palavras ora invadiam o espaço da imagem, ora se espremiavam para completar a frase. De uma forma ou outra, a escrita interagiu com elementos do postal, respondendo às condições impostas por esses elementos, como a falta de espaço ou o sentido que deve seguir. Observando os postais reproduzidos acima, é possível notar que a orientação da imagem pode determinar por onde correm as palavras. Nos dois primeiros exemplos (fig. 13 e 14), os postais têm as imagens impressas no sentido vertical da página e trazem espaço para correspondência na parte inferior. O texto manuscrito segue essa lógica, sendo que para lê-lo não é preciso girar o cartão, o que facilita a tarefa.

Diferente esforço deve ser feito para ler as mensagens trazidas nos dois últimos postais (fig. 15 e 16) que, orientados horizontalmente, trazem pequeno espaço para correspondência na parte direita. Espaços esses, que são ocupados de forma distinta. Enquanto no terceiro cartão se escreve em sentido semelhante ao da imagem, horizontalmente; no quarto se rotaciona o cartão para melhor aproveitar o campo destinado à mensagem. Se elementos gráficos simples como frases impressas, fios ou espaços em branco definem os caminhos das letras, que posição ocupam na escritura, os desenhos, as fotografias e as vistas que estampam os postais?

De forma recorrente, a estampa do cartão integra o assunto da correspondência que o acompanha. A imagem pode ser a vista de onde se escreve ou por onde se passou, um objeto relacionado aos correspondentes, entre outras opções. Seguem alguns exemplos bastante elucidativos.

Em 1911, Luiz Crespo, de Estoril, envia a José Boiteux um postal (fig. 17), que traz estampado o barco “Maria do Carmo”, de posse do remetente. No verso, Luiz Crespo escreve: “Caro amigo, o seu antigo amigo ainda se lembra do J. Boiteux com muita saudade. Já lá vão 14 anos!... como ele corre... Já tenho 3 filhos... e ainda há 6 anos casado. **Aí lhe mando meu barco. Vamos em regata.** Abraço-o com muito afeto e amizade”²⁷.



Figura 17: Postal de Luiz Crespo a José Boiteux. Fonte: IHG-SC

Apresentar o objeto, lugar ou pessoa que estampa um postal ou fotografia, constituía uma prática comum na troca desse tipo de correspondência. Em 19 de agosto de 1903, Dona Maria Carolina envia a José Boiteux postal em que diz: “*Mil agradecimentos pela sua bonita carta postal. Isto é a nossa escola. Muitas saudades a sua senhora e filhinhos.*”²⁸ A escola é o *Chateau des Apennins*, na cidade suíça de Lausanne. E a apresentação feita pelas palavras de Dona Maria Carolina agrega sentido à imagem está impressa no postal.

O próximo exemplo é cabal da importância que a estampa pode ter no texto manuscrito do postal. Como se sabe, do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, a relação entre Santa Catarina e Paraná ficaram estremecidas pela chamada Questão do

²⁷ CRESPO, Luiz [bilhete postal] 10 mar. 1911, Estoril [para] BOITEUX, José, Rio de Janeiro. 1f.

²⁸ Maria Carolina [bilhete postal] 19 ago. 1903 [para] BOITEUX, José, Florianópolis. 1f.

Contestado, uma disputa pelos limites de cada território. José Boiteux viveu esse processo, tendo inclusive colaborado para coletar materiais em defesa da posição catarinense.

(...) o Governo do Estado de Santa Catarina utilizou o 1º Secretário do Instituto [Histórico e Geográfico de Santa Catarina] José Boiteux, para, em Lisboa, “nos arquivos daquela Capital européia, procurar documentos que se prendem à questão de limites entre este Estado e o Paraná. E a 3 de fevereiro de 1897, José Boiteux comunicava ao Instituto que chegara a Lisboa a 23 de janeiro e fora apresentado ao Sr. Inspetor Geral das Bibliotecas e Arquivos, do ainda Reino de Portugal, e ali trabalhou coletando a documentação que o Conselheiro Manoel da Silva Mafra enfeixara na sua monumental “Exposição histórico-jurídica”, em defesa dos direitos catarinenses (PIAZZA, 1996, p. 13).

Envolvido como estava na questão, eram de interesse de José Boiteux detalhes, curiosidades, notícias acerca desse tema. Provavelmente consciente disso, J. G. Alves Nogueira lhe envia, de São Bento, um postal que traz a imagem do Rio Chapecó (localizado na região do atual meio-oeste catarinense, portanto no território em litígio com o Paraná no começo do século XX) como sendo parte do território paranaense (fig. 18). No verso, a indignação do remetente é visível: “*Veja a extraordinária propaganda, até que ponto chega, o nosso vizinho Estado*”²⁹.

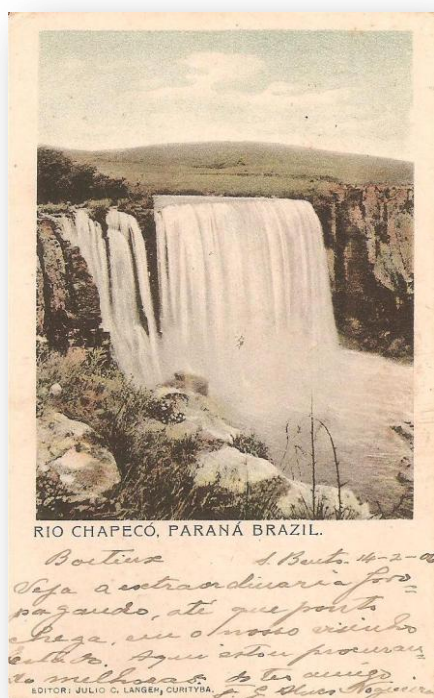


Figura 18: Postal de Alves Nogueira a José Boiteux. Fonte: IHG-SC

²⁹ NOGUEIRA, J. G. Alves [bilhete postal] 14 fev. 1906, São Bento [para] BOITEUX, José, Rio de Janeiro. 1f.

Ainda que comum, porém, a interação entre textos e imagens não era obrigatória e nem sempre acontecia.

Os cartões de visita, apesar do pequeno tamanho, nos deram muitos elementos para pensar essas pequenas práticas de produção de sentido. Cartão de visita é em princípio, uma ferramenta de apresentação de uma pessoa. Constitui-se de um pequeno retângulo de cartolina, onde se imprime o nome e o cargo de quem irá distribuí-lo. Informações como endereço e telefone também podem ser fazer presentes, mas não são essenciais. Para compor corpus documental foram selecionados cartões que trazem um elemento extra, as escritas ordinárias. Com palavras manuscritas na frente ou no verso, disputando espaço e interagindo com a escrita mecânica, os cartões são ressignificados e podem transmitir uma pluralidade de mensagens.

A análise desses dezessete cartõezinhos nos mostra que quando neles se escreve, se propõe harmonizar as novas palavras (manuscritas), com o texto original (o padrão dos cartões de visita), criando um novo texto.

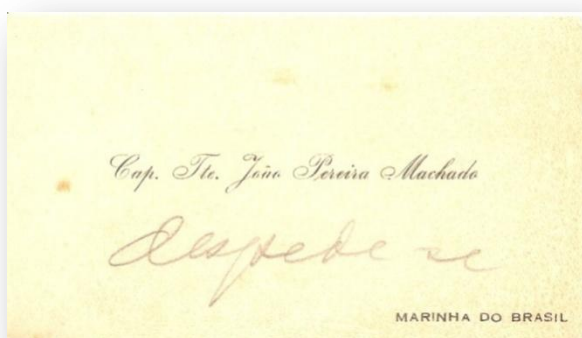


Figura 19: Cartão de visita de João Pereira Machado



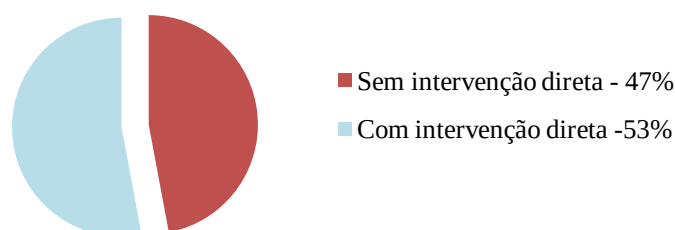
Figura 20: Cartão de visita de Amphilóquio Reis

Fonte: IHG-SC

Nos exemplos acima (fig 19 e 20), João Pereira Machado e Amphilóquio Reis se utilizaram dos cartões de visita para passar diferentes mensagens: um se despede e outro agradece algo. Ambos adicionam apenas um verbo e transformam o cartão padronizado e automático numa espécie de bilhete. É possível ainda, escrever para complementar a apresentação que traz o cartão, como fez Angel de Hernandez, que adicionou um “Coronel” a frente de seu nome.

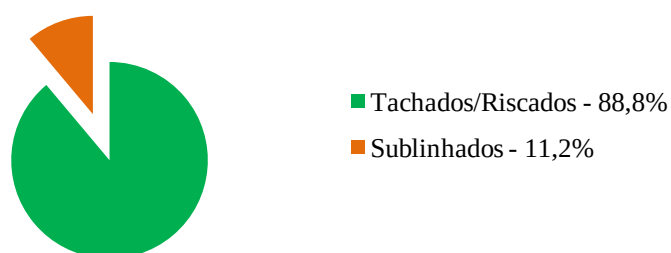
Até esse momento se viu que era uma prática escrever nos cartões de visita, de modo a alterar a mensagem que ele transmite – de uma apresentação padrão para inúmeras possibilidades. Mas e quando esse novo texto invade o espaço habitual do cartão de visita, interferindo nessa mensagem inicial? Para tanto, nem é preciso palavras, o simples ato de tachar (riscar) ou sublinhar partes do texto produzido graficamente transforma o sentido deste. De um total de dezessete cartões de visita, nove sofreram essa intervenção, conforme ilustra o gráfico abaixo:

Intervenção nos elementos gráficos dos cartões de visita



Desse conjunto de nove cartões de visita, é possível distinguir duas formas distintas em que isso ocorre. Criando uma nova classificação, dividimos os cartões cujos elementos gráficos foram riscados dos que foram sublinhados. O que dá o seguinte panorama:

Formas de intervenção nos elementos gráficos dos cartões de visita



Na maioria dos casos, portanto, se tachavam alguns itens do cartão, sobretudo sobrenome e cargo que ocupava.



Figura 21: Cartão de visita de Octavio Jardim. Fonte: IHG-SC

A primeira vista é possível depreender que a pessoa que entregou o cartão acima (fig. 21), por exemplo, desejava ser conhecida como Octavio Jardim, e não como Contra Almirante ou como Diretor de Engenharia, termos profissionais, referentes a uma esfera pública de relações. O ato de subtrair do material de apresentação pessoal termos pomposos e cerimoniais se insere num processo de estreitamento de relações para com aquele que se entrega o *novo* cartão. Tais intervenções podem ser entendidas como tendo uma intenção de informalizar o cartão de visita, *refuncionalizando* essa ferramenta, colocando-a no limiar da esfera pública e privada.

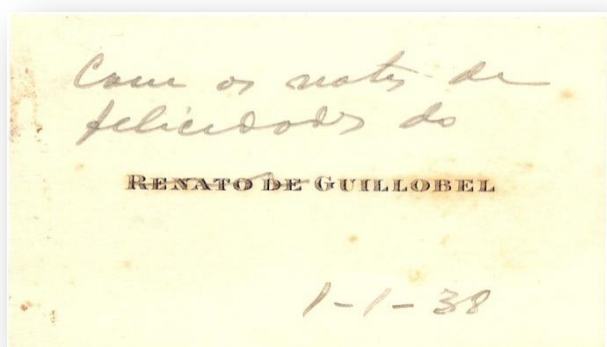


Figura 22: Cartão de visita de Renato de Guillobel / Figura 23: Cartão de visita de Alfredo von Tromposky / Fonte: IHG-SC

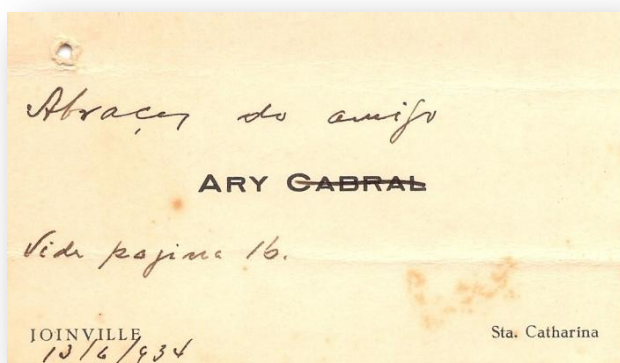


Figura 24: Cartão de visita de Ary Cabral.

Fonte: IHG-SC

Renato de Guillobel preferiu ser conhecido como *Guillobel* por aquele a quem destinou o cartão (fig. 22) no início de 1938, já *Dr. Alfredo Von Trompowsky*, *Juiz de Direito da 1ª Vara*, não quis salientar sua alta posição e condição de *Doutor*, e riscou os elementos que remetiam a isso (fig. 23). *Ary Cabral*, no ano de 1934, mandou abraços a seu amigo simplesmente como *Ary* (fig. 24).

Pode-se observar que em apenas um cartão de visita ocorre o sublinhamento de elementos gráficos. Mesmo fora do recorte temporal proposto, é interessante observá-lo por seguir num caminho totalmente oposto à maioria das fontes recém analisadas (fig. 26).

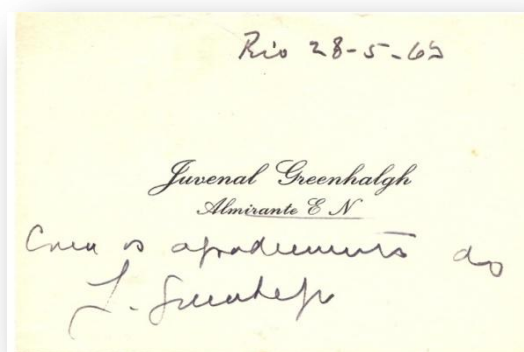


Figura 25: Cartão de visita de Juvenal Greenhalgh. Fonte: IHG-SC

Sublinhar, por si só já significa salientar, destacar. Juvenal Greenhalgh agradece, mas enfatiza sua posição de Almirante, o que poderia ser caracterizado como uma vontade de enaltecimento de si. É perceptível, portanto, que mesmo ocorrendo, essa não parece ser a prática que prevaleceu, o que permite inferir que a maioria dos cartões-postais presentes na coleção de José Boiteux foi enviada por pessoas amigas, pessoas do seu círculo íntimo de amizades.

2.4 – PALAVRAS QUE VEM E VÃO: SOCIABILIDADES TECIDAS EM PAPEL

Ao comentar o Rio de Janeiro da *belle époque*, Gisele Martins Venâncio (2001, p. 6), que estudou a correspondência do intelectual Oliveira Viana, aponta que: “O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Brasileira de Letras, as faculdades (principalmente de direito), as livrarias onde os intelectuais se encontravam e as confeitarias – o equivalente brasileiro dos cafés parisienses – eram espaços de sociabilidades e trocas culturais”. Ao traduzir isto para a Florianópolis da década de 1920, é perceptível que José Boiteux, como idealizador e fundador de correspondentes instituições, ocupava lugar privilegiado na sociedade.

Inserido em várias esferas da sociedade desterreense-florianopolitana e afeiçoado às *artes do guardar*, Boiteux nos legou farto acervo de *escritas ordinárias*. Tendo como pressuposto a noção de que “a correspondência pessoal de um indivíduo é (...) um espaço definidor e definido pela sua sociabilidade” (VENANCIO, 2001, p. 9), a análise do material de que dispomos nos permite tecer várias redes de sociabilidades das quais participava. Entre estas, cabe destacar nesse trabalho, as redes dos Institutos Históricos e Geográficos e do Congresso de Geografia, do Instituto Politécnico, do Clube de Esperanto e da família.

Como tratado anteriormente, a atuação de José Boiteux foi decisiva para a fundação do IHG-SC, em fins do século XIX. Mas não foi apenas o instituto catarinense, que contou com sua participação. Segundo Dante Martorano, Boiteux foi também Sócio Honorário do IHG paraibano, Sócio Correspondente do Instituto do Ceará, do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, do Instituto Histórico do Paraná, do IHG do Sergipe, do Paraná, de Minas Gerais e da *Société Academione de Histoire* (Paris). Esses intercâmbios intelectuais, marcados pela distância, tinham também nos postais, espaço para acontecer. Como em outubro de 1909, quando Alfredo de Toledo escreve a José Boiteux informando que:

O Instituto Histórico e Geographico de São Paulo, por proposta minha, do Dr. Jaguaribe, Ludgero e outros consócios, acaba em sua sessão de hoje, de transferir o distinto amigo da categoria de seu sócio correspondente para a de honorário, pelo que lhe envio sinceras congratulações.

O interesse por história e geografia pautou bastante as relações de José Boiteux, que foi membro de diversas sociedades de geografia e esteve envolvido na organização de eventos sobre o tema. É sobre o financiamento de um desses eventos, que um importante político lhe

escreve num postal em 1909: “*Meu caro Boiteux, acaba a Comissão de Finanças de assinar o Projeto autorizando o governo a auxiliar o Congresso de Geografia com 15:000#000, tendo dispensado o pedido de informações do Ministro do Interior. Parabéns. Do amigo sincero P. Ramos*”.³⁰

A pequena mensagem não deixa dúvidas de que as boas relações entre Paula Ramos, que naquele ano exercia sua sexta legislatura como deputado, e José Arthur Boiteux facilitaram o financiamento do Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia. O evento aconteceu no Rio de Janeiro e teve como secretário, José Boiteux à época residente na capital federal. Findo o Congresso, ele recebe uma moção unânime de louvor por seu “imenso trabalho em prol da organização de tão patriótico evento” (MARTORANO, 1984, p. 24).

Além de Paula Ramos, outros conhecidos personagens da história política catarinense faziam parte das relações de José Boiteux. Hercílio Luz, que dá nome ao mais famoso cartão postal de Florianópolis, também deixou sua marca no Acervo pesquisado. São as mãos de sua segunda esposa, Corália Ferreira da Luz³¹, que tecem as seguintes palavras:

Lisboa, 4 de junho 1924

*Dr. Boiteux, Chegamos bem, “Dedé” vai passando melhor que aí. As informações da cidade para onde vamos, são as melhores possíveis. Aceite lembranças de todos. Corália Luz.*³²

“Dedé”, segundo nos contou Márcio Pinto da Luz, autor de recente publicação sobre a renomada família, era o apelido de infância de Hercílio. Ao compartilhar essa intimidade com Boiteux, Corália nos deixou pistas para mensurar essa relação, que certamente ultrapassava os gabinetes do Governo. Possivelmente, a amizade entre esses homens tem seu início na juventude de ambos, que circularam pelo mesmo ambiente escolar.³³

Com cinco anos menos transitou pelo Ateneu Provincial o talentoso e precoce José Boiteux, que também seguirá para o Rio de Janeiro com vista aos estudos superiores; este José Boiteux pertencerá em todos os governos de Hercílio Luz à assessoria cultural ao secretariado de governo. E assim outros e outros que subirão

³⁰ RAMOS, Paula Francisco de [bilhete postal] 18 ago. 1909, Rio de Janeiro [para] BOITEUX, José, Rio de Janeiro. 1f.

³¹ Corália Ferreira da Luz foi a segunda esposa do político. Eles contraíram núpcias em 1915, um ano após a morte de sua primeira mulher, Etelvina Ferreira, irmã de Corália, com quem Hercílio permanecera casado por 19 anos. (CAVALCANTI, 1920)

Pouco mais de quatro meses depois do envio desse postal, Hercília Luz morre. No texto escrito por Corália, se pode observar sinais que o político já estava adoentado.

³² LUZ, Corália Ferreira da de [bilhete postal] 4 jun. 1924, Lisboa – Portugal [para] BOITEUX, José, Florianópolis. 1f.

³³ Ainda neste sentido Martorano aponta “José Boiteux admirava Hercília Luz. Já de muito tempo datavam suas relações”. (1984, p. 27)

com Hercílio Luz, na política republicana, já os terá conhecido nas vivas rodas da juventude. (PAULI, 1976, p. 31)

Quando assumiu o Governo do Estado em 1918, após a saída de Lauro Muller, Hercílio Luz chamou o colega do Ateneu para ser seu Secretário do Interior e da Justiça. Felicitando a indicação, B. Campos envia um postal a José Boiteux:

Araranguá, 11 Out 918

Ilustre e Caro amigo Sr. Dr. J Boiteux:

Abraçando afetuosamente ao ilustre patricio venho felicitar pela feliz escolha feita pelo nosso distinto amigo Dr. Hercílio para serdes um de seus auxiliares. Faço votos a Deus pela vossa felicidade pessoal e dos que vos são caros.

Vosso dedicado B. S. Campos

Constantemente, José Boiteux era acionado a fim de intermediar relações entre outras pessoas. O sistema de recomendações servia como uma ponte para tornar-se conhecido ou ser lembrado por determinada pessoa. Tal situação possivelmente era corriqueira para alguém, que como Boiteux, se acercava de políticos do primeiro escalão do Governo do Estado. De Leipzig, Alemanha, em julho de 1899, lhe é remetido um postal que envia “*Recomendações aos Srs. Dr. Governador e Dr. Hercílio, do seu amigo Julio Probst*”³⁴. Como essa, outras correspondências se baseiam no “recomendar alguém”. Prática que, se acredita, da mesma forma, acontecer na conversa diária e nas visitas, etc.

Trocar livros, revistas, informações ou fontes para produção acadêmica também era algo feito através dos bilhetes-postais. Quando se tratava de material extenso, o postal podia servir para alertar sobre o envio via carta e prevenir possíveis extravios, bastante comuns à época. É com esse intuito que Heitor encaminha o seguinte postal:

Amigo Boiteux pelo Itaipora enviei uma carta para o amigo acompanhada dos dados biográficos que pedistes e uma literatura para os Anuais. Como a carta é um pouco volumosa, penso que pode se extraviar; si não a receber avise-me com urgência. Do teu, Heitor. 17-Maio-913.

É na residência no número 24 da Rua da Estrela, Capital Federal, que José Boiteux recebe um postal com a seguinte mensagem: “*Saudações afetuosas, no dia seguinte ao que estivemos juntos voltei para cá e só hoje tive o prazer de receber (de torna-viagem) o*

³⁴ No caso, Hercílio Luz é um destinatário potencial implícito, de que fala Castilho (2002, p. 24), “entendendo por estes quantas pessoas eram aludidas na correspondência e para as que o emissor mandava recados (...)”.

*‘Arquivo Catharinense’ que muito lhe agradeço. Sempre admirador e afetuoso amigo Coelho Lessa Friburgo, 7-VI-09”*³⁵

O “Arquivo Catharinense” foi outra empreitada de José Boiteux: uma revista voltada para assuntos catarinenses. Sustentá-la, no entanto, não era tarefa fácil. “Página por página [José Boiteux] redige a publicação. Leciona, trabalha como revisor de outros órgãos de imprensa carioca” (MARTORANO, 1984, p. 23). Por falta de recursos e inadimplência dos assinantes, a revista encerra suas atividades com seis meses de vida.

Exemplos como este demonstram o hábito de Boiteux de enviar *presentes de papel* (VENANCIO, 2001, p. 12), prática que pode ser entendida não só como uma troca intelectual, mas como gesto de gentileza e delicadeza.

É para Paris que um dos exemplares d’O Imparcial é enviado, em 1915. João P. Cardoso, que recebe o presente, lança mão de um postal para agradecer a gentileza do amigo. “*Recebi seu amável cartãozinho e numero d’o imparcial; muitos agradecimentos; o amigo Boiteux sempre o mesmo dos velhos tempos. Saudações à sua distinta família e abraços do amigo Cardoso*”. O Imparcial, apesar de ser um nome recorrente de jornais, provavelmente se refere ao “semanário independente” que circulou nos anos de 1915 e 1916, em Florianópolis. Em agosto de 1916, o mesmo O Imparcial noticia uma viagem de José Boiteux:

Para a Bahia, segue hoje o nosso ilustrado patricio Sr. Dr. José Arthur Boiteux, que vai representar o nosso Estado no Congresso de Geografia, a instalar-se brevemente naquela cidade. Ao distinto conterrâneo, que se tem sempre mostrado um indefesso pugnador pelo engrandecimento de Santa Catarina, “O Imparcial” felicita pela honrosa missão que lhe acaba de ser confiada pelo Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, desejando-lhe muito boa viagem e feliz permanência na gloriosa cidade da Bahia.³⁶

Na edição seguinte, o jornal abre com uma nota intitulada *José Boiteux*, onde se lê:

Do nosso distinto patricio Sr. Dr. José Arthur Boiteux, que, com extraordinário brilho, ora representa o Estado de Santa Catarina no Congresso de Geografia, reunido na Bahia, recebemos delicado cartão em que nos agradece a notícia publicada pel’O Imparcial a respeito de seu embarque para aquela cidade. (...) ³⁷

O texto noticia o recebimento de um cartão-postal enviado por José Boiteux ao jornal, como forma de agradecimento pela publicação da notícia sobre sua viagem. Esses exemplos

³⁵ LESSA, Coelho [bilhete postal] 7 jun. 1909, Friburgo [para] BOITEUX, José, Rio de Janeiro. 1f.

³⁶ Fonte: Jornal O Imparcial, ano I – nº 20 - 20 de agosto de 1916. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Segundo o Dicionário Aurélio, *indefesso* significa incansável e *pugnador*, aquele que luta ou toma a defesa de algo.

³⁷ Fonte: Jornal O Imparcial, ano I – nº 21 - 26 de agosto de 1916. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

nos dão artifícios para mensurar o quanto era comum, e reconhecida, a prática da troca de postais.

José Boiteux se envolveu de forma intensa no desenvolvimento do ensino superior catarinense. Ele trabalhou pela fundação do Instituto Politécnico, da Faculdade de Direito.

Nessa época Florianópolis não tinha cursos técnicos pois, terminando os cursos normais, o secundário ou ginasial, os alunos iriam estudar fora do Estado. Os de maior poder aquisitivo, estudavam em Curitiba, Porto Alegre, São Paulo ou Rio de Janeiro, os outros ficavam onde iriam trabalhar, ou no comércio ou nas repartições públicas (BAHIA, 1994, p. 99).

Agradecendo o envolvimento de Boiteux nas “causas da juventude”, Pedro d’Almeida Gonçalves lhe dedica um retrato tirado na ocasião de sua formatura na segunda turma do curso de Agrimensura do Instituto Politécnico, na década de 1920:

Com um agradecimento sincero pelo muito que por mim tem feito o meu bondoso protetor e distinto amigo, Dr. José Arthur Boiteux – verdadeiro patrono da mocidade estudiosa do nosso querido Estado, o catarinense ilustre que maior soma de sacrifícios tem empregado em prol do desenvolvimento do mesmo Estado – ofereço esta fotografia como prova da grande amizade e inesquecível gratidão e ao mesmo tempo como recordação da minha formatura no curso de “Agrimensura” no Instituto Politécnico. Pedro d’Almeida Gonçalves / 15-01-1921³⁸

Amazile Hollanda Vieira, em seu estudo sobre o Instituto Politécnico de Florianópolis, mostra, através de notícias nos jornais locais, a boa repercussão que teve a instalação dessa instituição de ensino. Podemos supor que Pedro vivenciou os debates sobre as carências no ensino técnico e superior no Estado, e talvez até, pensando em seu futuro, tenha sido um entusiasta dessa causa. Não seria à toa, então, a gratidão que demonstrava ter pelo “patrono da juventude”, Dr. José Arthur Boiteux.

³⁸ GONÇALVES, Pedro de Almeida [bilhete postal] 15 jan. 1921, Florianópolis [para] BOITEUX, José, Florianópolis. 1f.



Figura 26: Pedro de Almeida Gonçalves. Fonte: IHG-SC

A fotografia, enviada por Pedro Gonçalves a José Boiteux (fig. 26), estampa o convite de formatura do jovem no Instituto Politécnico. Este fato, além de reforçar a gratidão para com as investidas de Boiteux em prol do ensino superior catarinense, também pode ser um exemplo de como que com a popularização da fotografia, a partir da segunda metade do século XIX, esta passa a estar cada vez mais presente nos ritos marcantes da vida, religiosos ou não, como a comunhão e a formatura. Sobre a conquista do diploma, a historiadora Mariana Muaze, mesmo falando da segunda metade dos oitocentos, faz reflexões bastante relevantes para o presente estudo.

(...) a tecnologia impedia o registro do cerimonial e, em função disso, se optava pelos serviços de um profissional em estúdio. As formaturas eram momentos especiais na vida dos homens da classe senhorial. A aquisição do diploma de bacharel, após a segunda metade do século XIX, se tornou cada vez mais valorizada (...). Este era um motivo de preocupação e felicidade para toda a família e indicava o preparo do indivíduo para se inserir nos cargos de trabalho mais valorizados socialmente, seja na política, no serviço público ou no meio liberal. (MUAZE, 2008, p. 186)

Em 1923, através de proposição de Boiteux, o curso de Agrimensura se torna curso de Engenharia, que formaria engenheiros geógrafos. Vieira (1986, p. 81) aponta que: “a acolhida [dessa mudança] por parte dos acadêmicos ou já formados em Agrimensura foi enorme, pois assim, podiam eles completar ainda mais seus conhecimentos”. Tal processo também se deu

na vida de Pedro, que depois de formado retorna ao Instituto Politécnico e se forma engenheiro geógrafo em 1929.

Outro jovem que se beneficiou das boas relações com Boiteux foi Slavonier Félix Werpachowski. É para agradecer essa proteção, que seu pai, Estanislao, remete um postal a Boiteux. Na correspondência, enviada de Sliedce, Polônia, se lê:

*Eu estava morando em Brasil no sul do Estado Santa Catharina, por isso ouvi muitas vezes vozes glorificando os seus trabalhos para bens do povo brasileiro, para bens da mocidade e para bens do abençoado Brasil. Tenho filho Slavonier Werpachowski no Instituto Politécnico, pelas cartas d'ele sei que ao Exmo. Sr. sempre estava fazendo favores para ele, tenho honra agradecer seus gentilezas e desejo os todos bens da Providencia para o Senhor. Muito Boas festas de Páscoa. Com estima e saudações.*³⁹

Mesmo à distância, Estanislao busca travar relações com Boiteux, ao mesmo tempo em que recomenda seu filho. O postal foi enviado no ano de 1931, mesmo ano em que Slavonier se forma no curso de Odontologia do Instituto Politécnico. O curso, de dois anos de duração, “(...) teve sua primeira turma formada em meados de 1919. A maioria dos que se formavam eram práticos, residindo no interior, valendo da prerrogativa que a lei lhes facultava de poderem prestar ‘exames vagos’, sem a obrigatoriedade de frequência às aulas” (VIEIRA, 1986, p. 71).

Estrangeiros, como o polonês Slavonier, eram bastante comuns no curso, em especial os oriundos da Alemanha e Áustria, “que revalidavam seus diplomas e retornavam às suas cidades, de forte contingente germânico, tais como Blumenau, Joinville, Indaial, Rio do Sul e Brusque” (VIEIRA, 1996, p.71).

Um ano após a formatura de Slavonier no Instituto Politécnico, um escândalo envolvendo a expedição de diplomas falsos⁴⁰ acomete o Curso de Odontologia, culminando no seu fechamento. “Comentou-se que o Governo do Estado e o Ministério da Educação, diante das arbitrariedades, suspenderiam a subvenção, que fatalmente redundaria no fechamento do Instituto e no prejuízo dos alunos” (VIEIRA, 1986, p. 74). Os boatos mobilizam alunos dos cursos de Agrimensura e Farmácia, que inclusive elaboram uma nota oficial protestando contra o escândalo. Buscando reorganizar esse “caos”, o Interventor Interino à época nomeia José Boiteux como diretor da instituição. Uma de suas primeiras ações é reativar o Gabinete Dentário, que atendia à população carente. A iniciativa, porém,

³⁹ WERPACHOWSKI, Estanislao [bilhete postal] 22 mar. 1931, Sliedce, Polônia [para] BOITEUX, José, Florianópolis. 1f.

⁴⁰ Mais sobre esses acontecimentos em: VIEIRA, 1986, p. 71-75.

não foi suficiente para manter funcionando o curso de Odontologia, que forma em 1932 sua última turma.

Outro ponto importante da correspondência de Slavonier são os votos de “Feliz Páscoa”, que ele remete a José Boiteux. Felicitações como essas, hoje bastante raras, demonstram filiação de cunho católica, já que é uma comemoração tradicional dessa religião.

Outras *fórmulas de polidez*, lembrando Schapochinik, são bastante recorrentes nas fontes deste trabalho. Para Chartier “*são um indício que não reflete nenhuma capacidade particular, embora dê uma idéia do nível de familiaridade de uma sociedade com a cultura escrita*”. (2001. p.75). Podia-se desejar “Feliz aniversário natalício”, “Feliz Natal” ou “Boas Festas”, por exemplo. Em 13,7%, estes votos constituem a mensagem principal do postal ou cartão de visita, a grande maioria em virtude das comemorações de fim de ano.

Um dos postais constantes do corpus documental deste trabalho chamou a atenção por trazer uma mensagem grafada em esperanto. Enviado por Cecília Curvêlo a José Boiteux em maio de 1914, o bilhete postal diz: “*Mi deziras al vi multe da feliĉojn. Mi sentas grandajn saŭdadojn de nia bonega Klubo kaj mi petas al vi ne forgesas via. Humila samideanino. Cecilia Curvêlo.*”⁴¹

O Esperanto é uma língua internacional planejada, que foi criada na Europa em 1887. Segundo Evaldo Pauli (2002), em sua Enciclopedia Simpozio, “as primeiras notícias sobre o Esperanto no Estado de Santa Catarina datam da primeira década do século, cerca do ano 1905”. Sendo assim, Cecília e José foram esperantistas pioneiros no estado, sendo que o último teve grande envolvimento na causa da difusão da língua em Santa Catarina e no Brasil.

Outro esperantista de relevo no movimento foi o ilustre Dr. José Arthur Boiteux, (...) que auxiliou a ‘*Brazila Ligo Esperantista*’ a instalar-se em 1912 na Sociedade de Geografia e que, segundo sabemos, secretariou o primeiro Congresso Nacional de Esperanto. Boiteux foi Vice-Presidente do Quinto Congresso Brasileiro de Esperanto, no Rio. Havia um grupo esperantista em Florianópolis, em 1912, que foi representado por Boiteux no ‘*Kongreseto*’ da ‘*Universala Esperanto Asocio*, em 1912 (FARACO, 2002).

⁴¹ CURVÊLO, Cecilia [bilhete postal] 1 mai. 1914, Aracaju, Sergipe [para] BOITEUX, José, Rio de Janeiro. 1f. Traduzida a mensagem diz: “Desejo a você muitas felicidades. Eu sinto grandes saudades do meu excelente clube. Eu peço-lhe que não se esqueça de sua Humilde co-idealista (ou correligionária). Cecilia Curvêlo”

Contribuíram para esta tradução os esperantistas Daniel Weber, Salvelina Silva e Felipe Queiroz, Secretário Geral da Org. da Juventude Esperantista Brasileira (BEJO).

O grupo a que Giovani Faraco se referiu é o mesmo *bonega klubo* citado por Cecília no postal remetido a José Boiteux. Apesar de ser visto por seus membros como um “clube”, não o era oficialmente. É só a partir de 1943 que Florianópolis tem sua “primeira sociedade esperantista na Capital do Estado, sob a denominação *Esperantista Klubo de Florianópolis* (Clube Esperantista de Florianópolis)”. Ainda segundo Faraco, antes do Esperantista Klubo, “houvera apenas grupos de Esperanto, sem consistência social maior” (FARACO, 2002).

Os clubes e grupos de esperanto além de constituir um espaço de sociabilidade dos esperantistas, eram importante ferramenta de difusão e aprimoramento da língua. O envolvimento de José Boiteux com o esperanto parece evidenciar também seu caráter cosmopolita e internacionalista.

Pode-se pensar ainda como estavam imbricadas as esferas de atuação, e de sociabilidades, de José Boiteux. Para os esperantistas, ter essa figura entre seus entusiastas foi essencial. Foi certamente graças às suas relações, e aos demais círculos em que ele se envolvia, que a ‘*Brazila Ligo Esperantista*’ pode se instalar na Sociedade de Geografia (outro espaço em que Boiteux se destacava), em 1912.

Clubes, instituições, colegas, amigos... Na trama social tecida por José Boiteux ao longo de sua vida misturam-se amizades, favores, gentilezas, cortesias; o público e o privado. Mas é numa parte específica desta enovelada rede, que as sensibilidades têm liberdade de aflorar: na escrita feminina e familiar.

2.5 – SENSIBILIDADES E AFETOS NA ESCRITA FAMILIAR E FEMININA DO ACERVO JOSÉ BOITEUX

Dedicatórias de retratos escritas por adultos em nome de crianças são bastante recorrentes. Destinado à avó, o retrato em que José Boiteux aparece com a madrinha (fig. 27), não tem data, mas dificilmente foi tirado depois de 1875, ano em que tinha dez anos de idade.⁴² O texto da dedicatória (fig. 28), apesar de provavelmente escrito pela madrinha D.

⁴² Mesmo não sendo objeto deste trabalho, é difícil deixar de notar o livro que Boiteux segura, simbolizando distinção e erudição e a cadeira sobre a qual Dona Emerência repousa sua mão, importante para se manter

Emerência, tenta dar a impressão de ser de autoria do garoto Boiteux, prática que expressa sentimentos como afeto e carinho.



Figura 27: José Arthur Boiteux e Dona Emerência. Fonte: IHG-SC

Figura 28: Dedicatória de José Arthur Boiteux e Dona Emerência à avó. Fonte: IHG-SC

Madrinha e afilhado eram bastante próximos, como conta Dante Martorano. Quando ainda residia em Tijucas, o jovem passava maior parte do dia na casa de D. Emerência, que nutria por ele uma “estima que alcançava as raias da maternidade”. Ainda segundo o autor, D. Emerência foi afastada de São Paulo em virtude da Revolução de 1842. “Seu esposo, da tradicional família Prado, escondia a verdadeira identidade sob o nome de João Luiza Tibúrcio. Na vida monótona de uma vila do interior à D. Emerência nada restava senão o convívio familiar” (MARTORANO, 1986, p. 13).

Já na idade adulta, José se correspondia frequentemente com seus irmãos Lucas e Henrique, cujos ofícios os mantiveram afastados das terras catarinenses. As palavras ternas escritas nos postais e retratos ajudavam a superar a distância e a saudade.

imóvel durante o processo do retrato. Além destes, outros componentes da fotografia sinalizam para outras temáticas. É o caso das vestes utilizadas pelos retratados, fontes profícuas para a história da moda.



Figura 29: Postal de Lucas Boiteux a José Boiteux. Fonte: IHG-SC

No postal reproduzido acima (fig. 29), lê-se: “José, Aqui estamos. Tenho gostado d’aqui. Escreve-me para Pernambuco. Saudades de todos. Abraça-te o Lucas”⁴³.

Alguns exemplares da correspondência ativa de José Boiteux podem ser encontrados no Acervo em virtude de sua composição, que não é só pessoal, mas familiar.

*Lucas, por ter me esquecido do numero da casa da Rua Bambina em que reside o comandante Octavio Fontoura, remeto-lhe as duas cartas a ele destinadas, para que tu lh’as envie. Abraços em todos. Até breve, volente deo. Irmão e amigo José.*⁴⁴

Detalhes da vida cotidiana e momentos de sensibilidade percorrem as linhas da correspondência familiar. Da cidade de Paranaguá - PR, em 1911, José escreve a sua “Excelentíssima Senhora Dona Jocelyna Boiteux”, enviando “um saudoso abraço e beijo nos queridos filhinhos”. Tanto a mensagem sucinta como o vocativo formal, nos remete a pensar as peculiaridades das relações entre casais daquela época, em especial quando demonstradas publicamente. E o postal, por sua vez, apesar de oficialmente gozar da inviolabilidade das cartas, não tinha, como mencionado anteriormente, o envelope, que garantia o segredo epistolar.

⁴³ BOITEUX, Lucas [bilhete postal] (s/ data), Ceará [para] BOITEUX, José, (s/ local). 1f.

⁴⁴ BOITEUX, José [bilhete postal] (s/ data), (s/ local) [para] BOITEUX, Lucas, (s/ local). 1f.

A escrita feminina nos postais e dedicatórias demonstra um maior investimento na cultura de afetos que a masculina. Isso se deve a um ordenamento de papéis, em que coube às mulheres a “expressão efusiva dos sentimentos” (MARTIN-FUGIER, 2003, p. 193), como o exemplo seguinte nos indica:

*“Á minha muito e muito querida amiga D. Chiquinha Lopes; em sinal de eterna gratidão. Rio, 20 de abril de 1880. Henriqueta do Carmo Ramires de Proença”*⁴⁵

Ainda sobre as afetuosidades femininas, podemos pensar a pesquisa de Maria Teresa Santos Cunha sobre álbuns de poesia e recordações de jovens normalistas. Segundo a autora, folhear esses álbuns permite, entre outras coisas “pensar no lugar dos afetos e da construção de sensibilidades na educação escolarizada” (CUNHA, 2004, p.). À semelhança dos álbuns escolares, que garantiam a “perpetuação após a separação ao término do período escolar”, os retratos e suas dedicatórias também intentavam garantir a lembrança para além de firmar um vínculo pessoal. É o que parece ser a intenção de Solla Gottardi, que escreve (fig. 30):

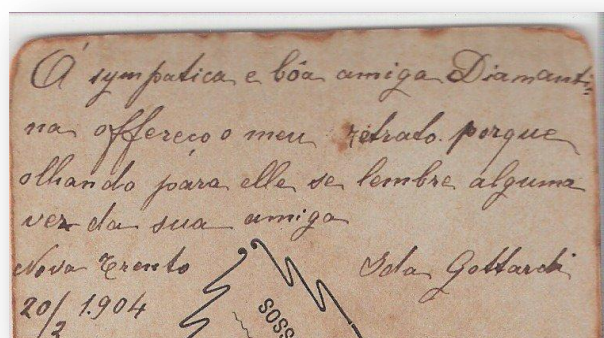


Figura 30: Dedicatória de Solla Gottardi a Diamantina. Fonte: IHG-SC

*“Ó simpática e boa amiga Diamantina ofereço o meu retrato porque olhando para ele se lembre alguma vez de sua amiga. Nova Trento. Solla Gollardi. 20/12/1904”*⁴⁶

Além de uma escrita mais “floreada”, carregada de sentimentos, a correspondência feminina traz outras peculiaridades, como o capricho na caligrafia. A letra arredondada e bem

⁴⁵ PROENÇA, Henriqueta do Carmo Ramires de [fotografia] 20 abr. 1880, Rio de Janeiro [para] LOPES, Chiquinha, (s/ local). 1f.

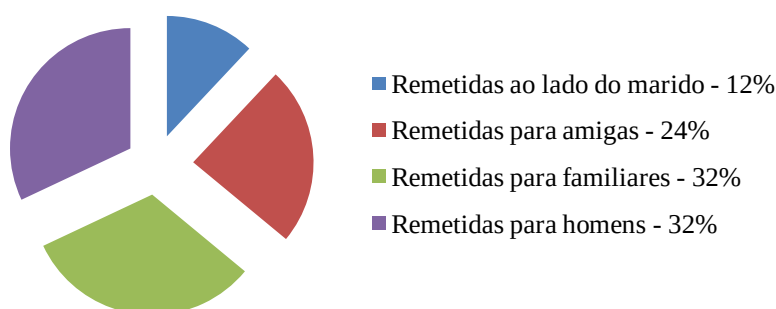
⁴⁶ GOLLARDI, Solla [fotografia] 20 fev. 1904, Nove Trento [para] Diamantina, (s/ local). 1f.

desenhada, ainda que não exclusivamente, foi por muito tempo visto como algo do feminino. A caligrafia durante muito tempo foi um dos conhecimentos destinados às mulheres, bem como o foram trabalhos manuais, culinária, puericultura, desenho, entre outros.

Traçada por homens ou mulheres, a letra bem desenhada é símbolo de status e distinção. Isso se dá principalmente num contexto onde o acesso à educação é restrito, e onde as taxas de analfabetismo são elevadas, como na Florianópolis do fim do século XIX, começo do XX.

Para além das especificidades da forma da escrita feminina, interessa também a este estudo, o destino desta correspondência. O gráfico a seguir mostra para quem eram remetidos os postais e retratos⁴⁷ femininos do Acervo José Boiteux.

Destinatários da correspondência feminina



Os dados indicam que a correspondência feminina não transgredia os espaços destinados às mulheres⁴⁸. A maior parte dos postais e retratos, 68%, foram remetidos para amigas, familiares ou assinando junto do marido. Esse número pode ser maior, se considerarmos que alguns dos homens, destinatários dessa correspondência, possam ser membros não declarados da família.

É o caso dos primos, que são recorrentes destinatários da correspondência feminina: “Ao primo Luincas (sic) ofereço meu retrato como prova de amizade. Gigi S. 7/8/99”⁴⁹; ou “Ao primo Joaquim dos Santos como lembrança da prima Catita Souza, 4/7/1907”⁵⁰. A causa

⁴⁷ Nenhum cartão de visita feminino foi encontrado no referido Acervo.

⁴⁸ Essa distribuição favorece a hipótese aventada no capítulo anterior, de que o gênero do guardador interfere na forma da coleção.

⁴⁹ Gigi [fotografia] 7 ago. 1899, (s/ local) [para] Lucas, (s/ local). 1f.

⁵⁰ SOUZA, Catita [fotografia] 4 set. 1907, (s/ local) [para] SANTOS, Joaquim, (s/ local). 1f.

dessa recorrência talvez esteja na forma como os relacionamentos entre homens e mulheres eram vistos à época. Ou seja, não “ficava bem”, uma moça de família dedicar um retrato seu ou se corresponder com qualquer moço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo verificar como a troca de postais e cartões de visita, bem como o ato de dedicar retratos, se relacionava com a construção/manutenção de sociabilidades, tendo como eixo principal José Arthur Boiteux. Para isso, se lançou mão das escritas ordinárias do acervo que leva seu nome, abrigado no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHG-SC). Para complementar o estudo, foram consultados os periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, obras raras do IHG-SC e da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina.

O primeiro capítulo tinha como objetivo investigar a relação entre José Boiteux e a memória. Verificou-se que a sua faceta *memoriosa* teve destaque na vida pública, como idealizador e/ou empreendedor de instituições de guarda, como o projeto da pinacoteca e próprio IHG-SC, e de *lugares de memória* como monumentos e bustos, que inclusive lhe renderam a alcunha “Semeador de Estátuas”. Imbricadas às ações por ele pensadas e empreendidas, estão outras gestadas por outrem, e que tem a ver com a conservação da memória de Boiteux e sua família. É o caso da mudança de nome de duas localidades catarinenses para Boiteuxburgo e José Boiteux, bem como da ereção de um busto em sua homenagem.

A inclusão dessa abordagem, a meu ver, é bastante cara para pesquisadores de escritas ordinárias constantes de arquivos privados pessoais. Pensando nisso, avançou-se a discussão tomando por objeto a *vontade de memória* de José Boiteux levada a sua vida pessoal. Remetendo a Phillipe Artières, viu-se que na constituição dos arquivos pessoais, há uma *intenção biográfica*. No processo de *arquivamento do eu* outras etapas são decisivas, como a seleção e descarte, uma reciclagem permanente desse lugar de memória, que continua mesmo após a morte do titular, pois lembrando Meneses, o artefato tende a durar mais que seu possuidor.

A dimensão do gênero também é importante neste primeiro capítulo, pois o fato do titular ser homem ou mulher tem implicações na constituição de seu acervo pessoal. Buscou-se então, através do diálogo com Mariana Muaze e Gisele Martins Venancio, autoras que trabalharam acervos pessoais de mulher e homem, respectivamente, trazer elementos dessas peculiaridades. Assim, se o acervo feminino é composto geralmente por correspondências

enviadas por amigas ou por membros da família, no masculino aparecem mais itens relacionados ao ofício e à vida pública. Isso se dava, principalmente em virtude dos espaços de circulação da mulher e do homem, no recorte temporal proposto, do fim do século XIX à terceira década dos noventa.

O segundo capítulo trouxe um pouco da teia social de Boiteux, tecida através de sua correspondência passiva, entendendo o termo num sentido mais amplo, e não como sinônimo de carta. Uma dupla análise foi feita, na medida em que se investigou tanto a forma como se dá a escrita nesses materiais, como a produção de sentidos que resulta esse processo.

Ao mostrar o potencial das fontes selecionadas, buscou-se contribuir com os estudos da história da cultura escrita, campo que deve ampliar seu olhar para esses materiais, geralmente utilizados pelos estudos da imagem.

Se a leitura dos postais, cartões e retratos remetidos a Boiteux nos deu pistas para deslindar seu envolvimento com instituições, pessoas e grupos, a análise da correspondência feminina e familiar abre um mundo de sensibilidades e afetos. Nestes grupos em especial, as palavras correm de forma mais livre e íntima. O gênero aparece não só no conteúdo da escrita, mas na sua forma. As letras bem desenhadas nos mostram um capricho, enraizado na educação feminina, que destinava ao segundo sexo disciplinas como a de caligrafia.

Por se tratar de uma primeira experiência monográfica, com um curto período de realização, este trabalho não conseguiu abordar com densidade todas as questões propostas. Um maior cruzamento de dados poderia ter auxiliado a compreender a tessitura das relações, bem como uma análise das fontes sob outra perspectiva, mais técnica, traria elementos diferentes para a investigação das formas da escrita. Porém, mais do que conclusões, o presente trabalho teve por intenção sinalizar para novas questões, suscitar mais perguntas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTIERES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. In *Estudos Históricos*: Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21. Acesso em: 20/02/2009. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>
- BAHIA, Eliana Maria. **Perfil de José Arthur Boiteux, um construtor da cultura catarinense**. Dissertação de Mestrado em História. Orientação: Prof. Dr. Carlos Humberto Corrêa. Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- BARROS, José d'Assunção. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Acesso em: 14/02/2009.
Disponível em: www.dialogos.uem.br/include/getdoc.php?id=533&article=182&mode=pdf -
- BOITEUX, José. **Escorço biographico do coronel Henrique Carlos Boiteux; 1838-1894**. Tijucas: Typ. Santa Cruz, 1931.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 6. ed. São Paulo: Schwarcz LTDA, 1998.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARDOSO, Alexandre. **Vidas por escrito**: uma reflexão do gênero biográfico a partir da produção de Lucas Alexandre Boiteux na primeira metade do século XX. Monografia de Especialização em História Social no Ensino Fundamental e Médio. UDESC, 2006.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTILHO, Antonio. **“Como o polvo e o camaleão se transformam”**: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

- _____ (coord). **Historia de la Cultura Escrita**. Gijón (Astúrias). España. Ediciones TREA. 2002.
- CAVALCANTI, Hollanda. Hercílio Luz. **Subsídios para a sociologia política catarinense**. Florianópolis: Editora Livraria Cysne, 1920.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**. A História entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- _____. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.
- _____. **Cultura escrita**, Literatura e História. Porto Alegre. ARTMED Editora, 2001.
- _____. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- _____. **L’homme de lettres**. IN: VOVELLE, M. (org.) L’Homme dès Lumières. Paris: Éditions du Seuil, 1996.
- _____. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHEREM, Rosângela Miranda. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina. In. **História de Santa Catarina no século XIX. ???**
- CORBAIN, Alain. **O segredo do indivíduo**. In: PERROT, M. (Org.) História da vida privada, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CUNHA, Maria T. S. **A produção historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro – 1911 – 1959**. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, 1982.
- _____. Copiar para homenagear, guardar para lembrar. Cultura escolar em álbuns de poesias e recordações. IN: **Histórias e Memórias da educação no Brasil**. Volume 3/Editora Vozes: RJ, 2004.

- _____. Escrever sobre si. Diários Íntimos e Construção de Subjetividades. In SOMMER, Luis Henrique (org). **Educação e Cultura Contemporânea**. Articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Porto Alegre: Editora da Ulbra, 2006.
- _____. “Por hoje é só...” Cartas entre amigas. In In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- DAUPHIN, Cécile., POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- **Desembargador José Arthur Boiteux**. Notas bibliográficas mandadas publicar por um grupo de amigos do candidato popular. Florianópolis: Gabinete Tipográfico de “Folha Nova”, 1930.
- FARACO, Giovani. Conferência ao Congresso Brasileiro de Esperanto de 1957. Apud PAULI, Evaldo. **Enciclopédia Simpozio**. 2002. Acesso em 18/04/2009. Disponível em: www.simpozio.ufsc.br
- FRAIZ, Priscila. **A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema**. In *Estudos Históricos: Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21. Acesso em 10/02/2009. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf>
- FRANCISCO, Elton. De memorioso à guardador: José Boiteux entre “Lugares de Memória”. In GHEDINI, Alan Carlos; ZUBEN, Danúsia Miranda Von; FRANCISCO, Elton; MARTINI, Estela Maris Sartori; GRAZZIOTIN, Giovanna Poeta; Universidade do Estado de Santa Catarina. **"Saudações cordiais": teias de sociabilidades através das cartas de José Arthur Boiteux (1900 - 1934)**. 2006. 84 f. Relatório de estágio (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de História, Florianópolis, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In **Estudos Históricos: Arquivos Pessoais**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21. Acesso em 10/02/2009. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf>

- VIEIRA, Amazile de Hollanda. **O Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural catarinense**. Florianópolis: A&P, 1986
- LE GOFF, Jacques (org.) **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LESSA, Renato. **A Invenção Republicana**. Rio de Janeiro, Top Books, 1990.
- MARTIN-FUGIER, A. **Os ritos da vida privada burguesa**. In: PERROT, M. (Org.) *História da vida privada, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MARTINI, Estela Maris Sartori. Fragmentos de um imortal: José Arthur Boiteux e o Ensino Superior em Santa Catarina. In GHEDINI, Alan Carlos; ZUBEN, Danúcia Miranda Von; FRANCISCO, Elton; MARTINI, Estela Maris Sartori; GRAZZIOTIN, Giovanna Poeta; Universidade do Estado de Santa Catarina. **"Saudações cordiais": teias de sociabilidades através das cartas de José Arthur Boiteux (1900 - 1934)**. 2006. 84 f. Relatório de estágio (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de História, Florianópolis, 2006.
- MARTORANO, Dante. **José Arthur Boiteux**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1984.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In **Estudos Históricos: Arquivos Pessoais**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21. Acesso em 10/02/2009. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf>
- MUAZE, Mariana. **As Memórias da Viscondessa**. Família e Poder no Brasil Império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.
- OGAWA, André Eitti; FREIRE, Felício Mourão; NEVES, Hudson Campos; Universidade do Estado de Santa Catarina. **Mergulhando em letras: incursões aos cadernos de Henrique Boiteux**. 2008. 59 p. Disponível em:

<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000000A/00000A83.pdf>
- PAULI, Evaldo. Hercílio Luz. **Governador inconfundível**. Florianópolis: Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1976.

- _____. **Enciclopédia Simpozio**. 2002. Disponível em: www.simpozio.ufsc.br
Acesso em 18/04/2009.

- PIAZZA, Walter. **Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Estudo Histórico e Analítico (1896-1996). Florianópolis: Editora da UDESC, 1996.

- PIVATTO, Priscila Maddalozzo. **Outras faces de um historiador**: uma incursão no acervo privado de Lucas Alexandre Boiteux. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História. Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, 2004.

- RIBEIRO, Gabriela; GERALDO, Jéssica Camargo; ORLANDI, Verônica. **“Como prova de estima e amizade”**: Retratos do Acervo de José Boiteux. 42f. Relatório de estágio (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de História, Florianópolis, 2007.

- SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: Sevcenko, Nicolau. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 423-512.

- SOUZA, Felipe de Paula. **Reflexões a partir dos cartões-postais de Ilhéus – Bahia**. Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis. v. 3. N. 2. Florianópolis jul/dez 2006. Acesso em 25/04/2009. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/812/681>

- VASQUEZ, Pedro Karp. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

- VENANCIO, Gisele Martins. **Presentes de Papel**: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. In *Estudos Históricos*: Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21. Acesso em 14/01/2009.

Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf>

- _____. **“Sopros inspiradores”**. Troca de livros, intercâmbios intelectuais e práticas de correspondências no arquivo privado de Oliveira Viana. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

- VIEIRA, Amazile de Hollanda. **Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural de Florianópolis**. Florianópolis: A&P, 1986.

- ZUBEN, Danúsia Miranda Von. “O Semeador de Estátuas” - José Boiteux e seu hábito por estátuas. In GHEDINI, Alan Carlos; ZUBEN, Danúsia Miranda Von; FRANCISCO, Elton; MARTINI, Estela Maris Sartori; GRAZZIOTIN, Giovanna Poeta; Universidade do Estado de Santa Catarina. **"Saudações cordiais":** teias de sociabilidades através das cartas de José Arthur Boiteux (1900 - 1934). 2006. 84 f. Relatório de estágio (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de História, Florianópolis, 2006.